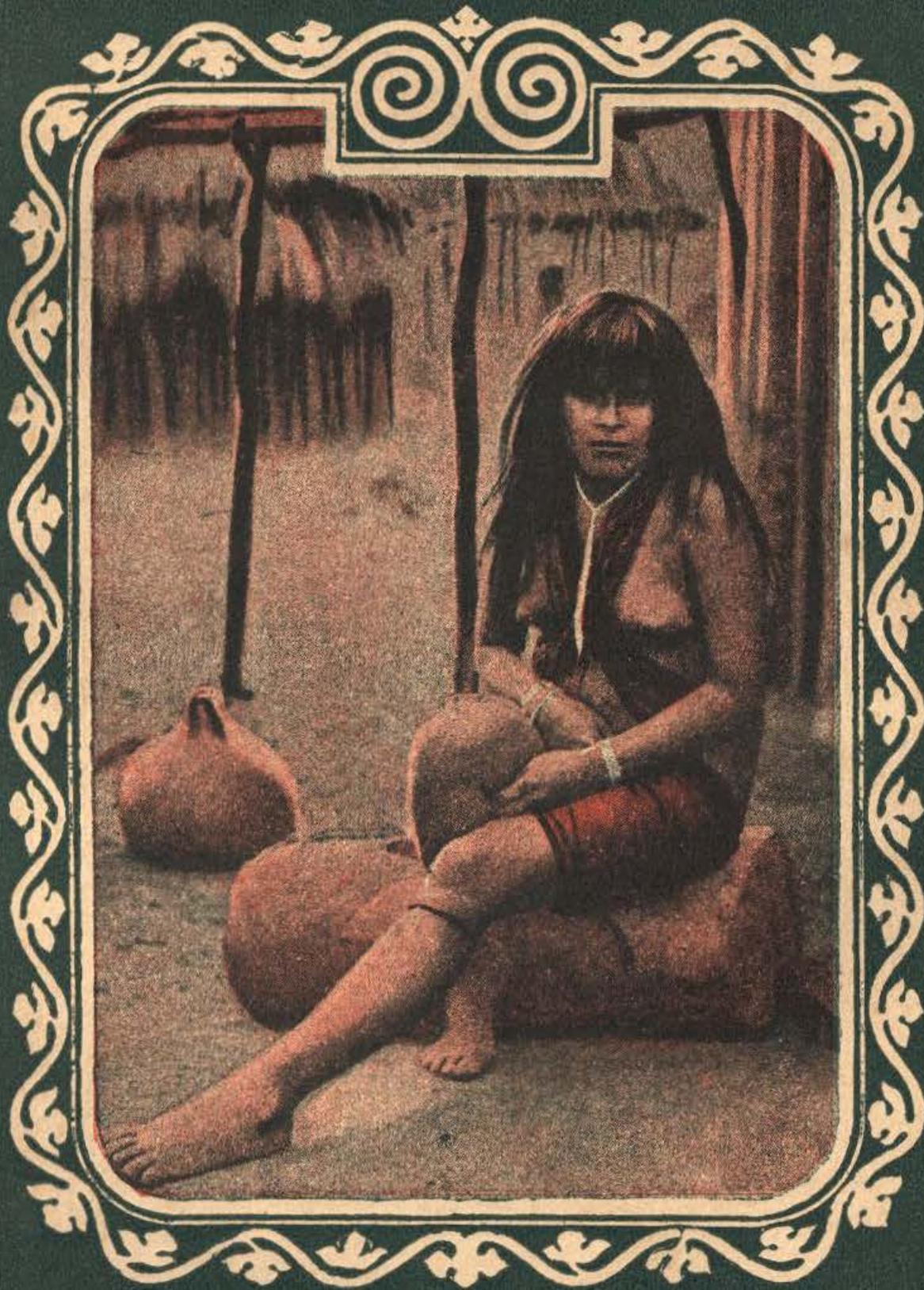


COMISSÃO RONDON

PELO INDIO E PELA SUA PROTECCÃO OFFICIAL=

POR L. B. HORTA BARBOSA
DIRECTOR INTERINO DO SERVIÇO DE PROTECCÃO AOS INDIOS



RIO DE JANEIRO=
MCMXXIII

COMISSÃO RONDON

Rona

PELO INDIO

e

pela sua protecção official



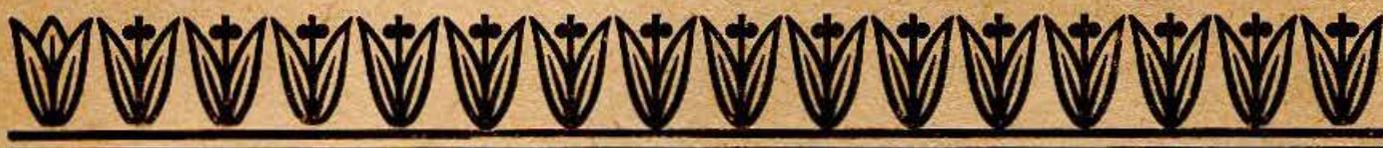
Exposição apresentada ao
SR. DR. MIGUEL CALMON DU PIN E ALMEIDA
Ministro da Agricultura, Industria
e Commercio

POR

L. B. HORTA BARBOZA
Director interino do Serviço de Protecção aos Indios,
em Janeiro de 1923.

Renato Nicolai





UM discurso ultimamente pronunciado na Camara dos Deputados e reproduzido no Diario do Congresso de 27 de Dezembro, veio patentear quão profundo e extenso é entre nós o desconhecimento de todos os assumptos que se relacionam com a natureza e a situação do problema indigena e com o que tem feito o governo para resolvê-lo por intermedio da repartição destinada a tal fim. Dahi nasceu a idéa desta exposição, na qual se compila em breve noticia uma relação dos trabalhos mais salientes realizados pelo departamento publico de Protecção aos Indios, e reedita-se, mais uma vez, a enumeração de factos e depoimentos de pessoas competentes que refutam *in limine* as falsas e deshumanas theorias que servem de base ás asserções dos que pedem o exterminio dos ultimos representantes das tribus autochtones do Brasil.

No duplo intuito de registrar com a possivel exactidão a natureza e o feitiço das accusações contra o Serviço e o Indio, e de adoptar um roteiro para a presente explanação, transcrevem-se do mencionado discurso os trechos mais caracteristicos, que passam assim a figurar como epigraphes das respectivas refutações.

—

« Repto V. Excia., disse o orador em resposta a um seu aparteante, a mostrar que serviço a commissão de protecção aos indios tenha produsido, de facto, e possa merecer a consideração do paiz que por elle tanto se sacrifica ». — E pouco depois, talvez para mais accentuar o seu pensamento de absoluta condemnação ao injustado

Serviço, affirma: « Serviço ficticio, serviço de que a nação não tem conhecimento ».

No entanto, o que se devia esperar é que a Nação tivesse conhecimento dessa repartição e dos serviços por ella prestados, porque a ambos fazem constantes referencias as mensagens presidenciaes de inauguração dos trabalhos parlamentares; a ambos referiu-se, a 15 de Novembro ultimo, a mensagem do Dr. Epitacio Pessoa, encerrando o seu periodo governamental; a ambos referem-se, com maiores detalhes, os relatorios annuaes do Ministerio da Agricultura, alem de outros trabalhos que têm sido publicados no Diario Official e mesmo no Diario do Congresso, como se verificou em 1921 com o parecer apresentado pelo Dr. Justo Chermont, relator do orçamento da Agricultura, parecer no qual o illustre Senador Paraense reunio valiosos dados sobre o que tem realisado o Serviço no interior dos estados em que está funcionando e enumerou os meios de que elle precisa para estender os beneficios de sua acção ás populações indigenas das demais unidades da Republica.

Essas e outras fontes de informação bastaram para fazer o Serviço de Indios conhecido no estrangeiro, como o attesta a mensagem Presidencial de 1913 ao Congresso Nacional, nestes termos: « Pelo órgão de scientists notaveis, bem como no seio do congresso das raças, reunido em Londres, foi o mesmo Serviço apreciado com os mais francos applausos, a que se juntaram, depois, as manifestações da imprensa daquela capital, de Berlim e Paris, pelos seus representantes mais autorisados, sendo por estes o nobre procedimento do Brazil para com os seus primitivos habitantes apontado como um exemplo a ser imitado, para honra da civilisação universal, por todos os paizes onde ainda existem indios selvagens ».

Pouco tempo depois destas manifestações provocadas pelas conclusões do Congresso Universal das Raças, levantou-se em Europa enorme clamor contra as atrocidades inflingidas aos indios peruanos do Putomayo, conforme o

que a respeito apurou uma Comissão Parlamentar nomeada pelo governo britânico. Então mais uma vez o nome do Brazil appareceu cercado pelas sympathias do mundo civilisado, por se verificar que no seu territorio a situação do selvicola era inteiramente diversa da que se encontrava no Perú e que o aborigene brasileiro recebia dos poderes publicos de sua Patria, por um serviço permanente constituido para tal fim, protecção efficaz e bastante para tornar impossivel que elle fosse victima de scenas tão dolorosas como as registradas no Putomayo. Houve mesmo o projecto de organisar-se uma Comissão Internacional para intervir naquelle territorio em defesa dos miseros incolas, e ao que parece tal projecto deixou de ser realisado só por não ter podido o então coronel Rondon acceitar o convite que lhe foi transmittido pelo nosso Ministerio do Exterior para ser um dos membros daquella Comissão.

Desses grandes acontecimentos foram éco os telegrammas publicados em 10 e 17 de Agosto de 1913 pelo Jornal do Commercio, o primeiro procedente de Londres e o outro de Berlim. Dizia o primeiro: «A imprensa ingleza publica hoje uma nota de character officioso a proposito da questão de Putomayo, na qual se lembram varios alvitres para evitar a repetição de factos analogos aos que recentemente foram denunciados. Entre esses alvitres faz-se especial menção da orientação seguida pelo Brazil a respeito dos indios que habitam o seu territorio, tecendo-se calorosos elogios á forma porque esses serviços são executados na competente repartição do Ministerio da Agricultura».

Dizia o segundo: «Berlim. A maior parte dos jornaes publica a communicacão dirigida á Legação brasileira em Berlim a respeito do tratamento dos indios no Brazil, cuja organisacão elogiam, considerando-a muito perfeita».

Commentando estes factos, um escripto publicado no Diario Official do anno immediato, continha o seguinte: «Bastou-nos o ter podido ser feita essa excepção no momento conveniente (a de sermos um paiz em que o

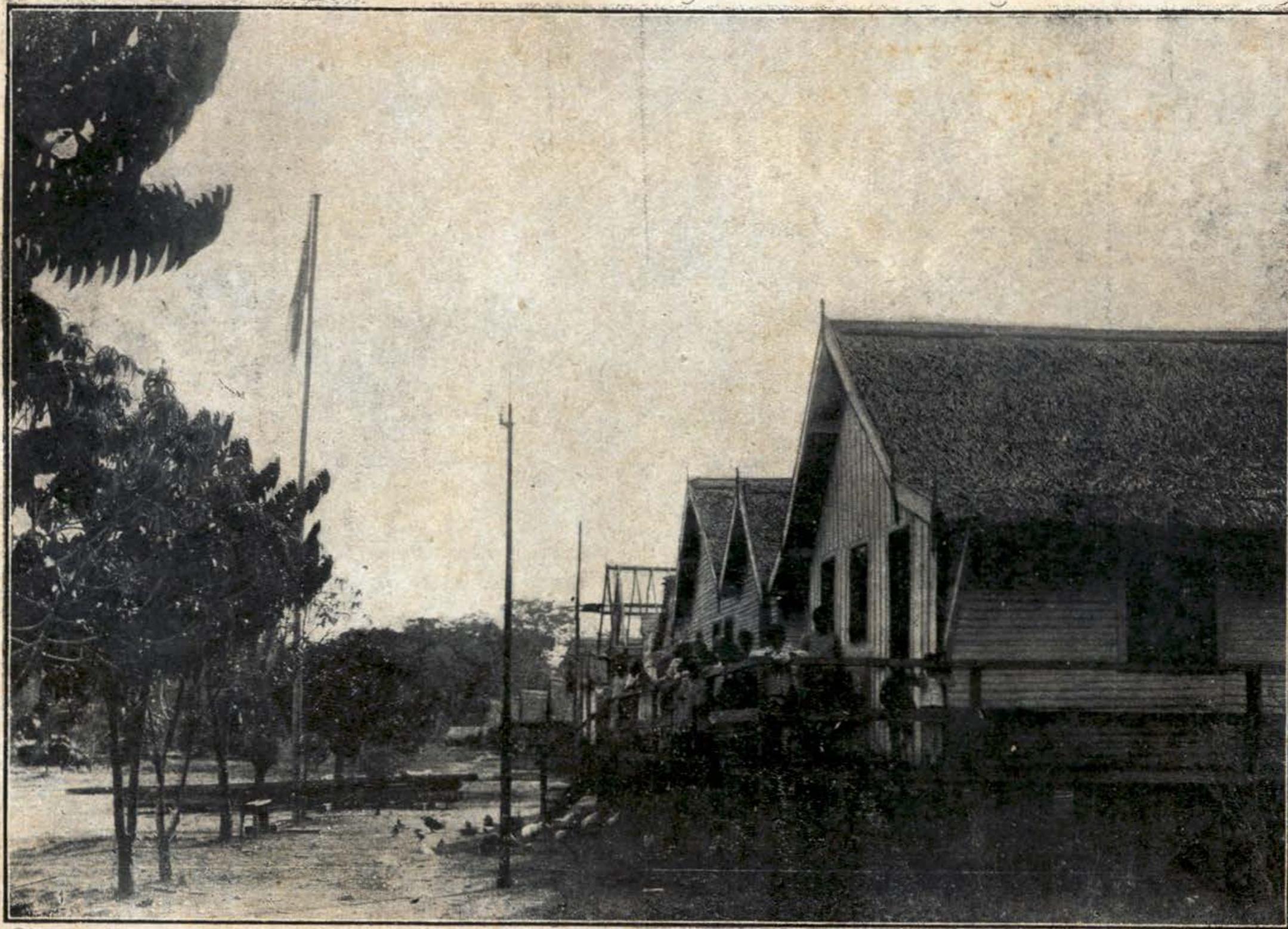
indio é protegido em vez de ser perseguido) para resguardar de graves prejuizos uma das nossas principaes produções, pois que alguns fabricantes allemães já haviam annuciado não comprar a borracha produzida pelos seringaes do Putomayo, em quanto os criminosos denunciados não fossem punidos. Si não fosse essa opportuna resalva, certamente a insinuação feita pela Commissão Parlamentar Ingleza teria sido explorada em nosso detrimento, em virtude de não se terem ainda tornado bastante conhecidas de todos as conquistas especiaes já realisadas pela nossa administração politica a esse respeito».

Muito mais recentemente, um jornal dos Estados Unidos, o National Geographic Magazine, citado pelo Brazilian American, numero commemorativo do Centenario da nossa Independencia, escrevia: «Durante 33 annos o General Rondon trabalhou no longinquo sertão... Mas, o seu serviço mais meritorio é sem duvida o que elle realisou como Director do Serviço de Protecção aos Indios do Brazil, cargo no qual a sua politica de não hostilisar os indios, nem em represalia, e de usar com elles de brandura, grangeou a sua amisade, preservou a sua civilisação e constituiu o que pode chamar «a maior conservação de aborigenes realisada no Novo Mundo de nossos dias».

E o Dr. Gilberto Grosvenor, presidente da Sociedade Nacional de Geographia de Nova York, communicando ao mesmo general ter sido o seu nome incluído na lista dos socios honorarios daquela corporação, escreveu-lhe:

«Sinto-me feliz por ser de minhas attribuições informar-vos que a Sociedade Nacional de Geographia, pelo seu corpo administrativo, tendo em vista os esplendidos serviços prestados á civilisação pela vossa obra com e a favor dos aborigenes do Brazil, resolveu incluir-vos entre os seus socios honorarios».

Si no estrangeiro o nosso Serviço de Indios é assim conhecido e estimado como um «exemplo a ser imitado, para honra da civilisação universal», como poderia elle ser



Vista de um Posto de Protecção aos indios no sertão de Matto Grosso

Posto Rodolpho Miranda no Rio Jamary



Escola do Posto de Protecção Rodolpho Miranda, no rio Juary

Matto Grosso

desconhecido da Nação e não merecer a consideração do Paiz? O mais provavel é que tal desconhecimento, e os sentimentos delle decorrentes, só por illusão tenham sido attribuidos á collectividade Brazileira, e isso pelo risco a que estão expostas as pessoas que falam em nome de terceiros, de suppôr que sejam do committente noções e modos de vêr e de sentir que na verdade lhes são privativos.

A realidade é que os moradores do interior, aos quaes mais directamente interessa a acção do Serviço de Indios, têm perfeito conhecimento da sua existencia e para elle appellam sempre que os assalta alguma provação ou precisam de lenitivo para grandes necessidades e afflicções. Ainda agora, dentro do espaço de um mez, trez pedidos vieram de pontos differentes do interior, solicitando a protecção official do Serviço para grupos de populações que se viam ameaçadas em suas propriedades e liberdades. A mais recente dellas procedia de longinquo sertão de Pernambuco, onde nunca se manifestara a acção do Serviço mas onde nem por isso deixou de chegar a noticia da sua existencia e da efficacia da sua operosidade. E foi um sacerdote catholico quem se dirigiu, em fervoroso appello, ao General Rondon, rogando-lhe que extenda a protecção official de sua obra até aquelle ponto do paiz e assim corra em defesa dos legitimos interesses e dos direitos de um grupo de pacificos e laboriosos Carijós, agora ameaçados e perseguidos por prepotentes senhores que lhes querem tomar as terras e os bens.

Dos outros dois pedidos, o primeiro referia-se ainda á defesa da propriedade territorial de indios, e nos vinha da Parahiba do Norte; o segundo, á perseguição e prisão injusta de alguns individuos, realisada por autoridades publicas de outro Estado.

Como estes, muitos outros casos podem ser citados para provar quanta injustiça ha na affirmattiva de que a Nação não tem conhecimento do Serviço e que este não merece a consideração do paiz. E como poderia ser isto

verdade, em relação a um departamento publico que tem realizado por quasi todos os recantos do interior numerosos e memoraveis trabalhos, de muitos dos quaes resultaram profundas modificações no aspecto geral de vastos territorios, que em poucos annos perderam a apparencia que tinham de sertões selvaticos e se transformaram em regiões cobertas de povoados, de lavouras, de fabricas, de toda a fervida actividade da vida civilisada?

Foi assim em S. Paulo, no sertão hoje cortado pela estrada de Ferro Noroeste do Brazil, habitado pela tribu guerreira dos Caingangs. Esses indios, sob o nome de coroados, infundiam tão grande terror, que em 1910, ao se fundar o Serviço de Protecção, o Ministro da Viação sustentava em reuniões ministeriaes, presididas pelo Presidente da Republica, que o governo tinha de escolher entre a alternativa de enviar uma grande força do exercito para os bater e exterminar ou consentir na proposta da empresa constructora de suspender as obras de que se achava encarregada. A situação de ameaça contra a vida dos trabalhadores e dos engenheiros, contra a segurança dos trens, da linha e das obras d'arte era tão grave que um senador da Republica, o Dr. Victorino Monteiro, em conferencia com o Chefe da Nação, e pelos jornaes, pedia a urgente intervenção da força publica para reprimir as hostilidades dos selvicolas e evitar as mortes e prejuisos que de outra maneira pareciam irremoviveis.

Foi sob a pressão destes acontecimentos e do nervosismo publico por elles causado, que o Serviço encetou os seus trabalhos naquelle sertão, em fins de 1910. Em 1911, conseguiu elle suprimir as «*dadas*» contra os indios, isto é, as expedições organisadas por aventureiros mercenarios, contractados para irem ao interior das mattas em busca dos selvicolas e exterminal-os em suas aldeias; logo depois, e como consequencia disso, viram-se cessar as correrias dos indios contra a Estrada, cujos trabalhos se puderam continuar sem novas perturbações. Ao começar o anno immediato, 1912, completava-se a pacificação desses

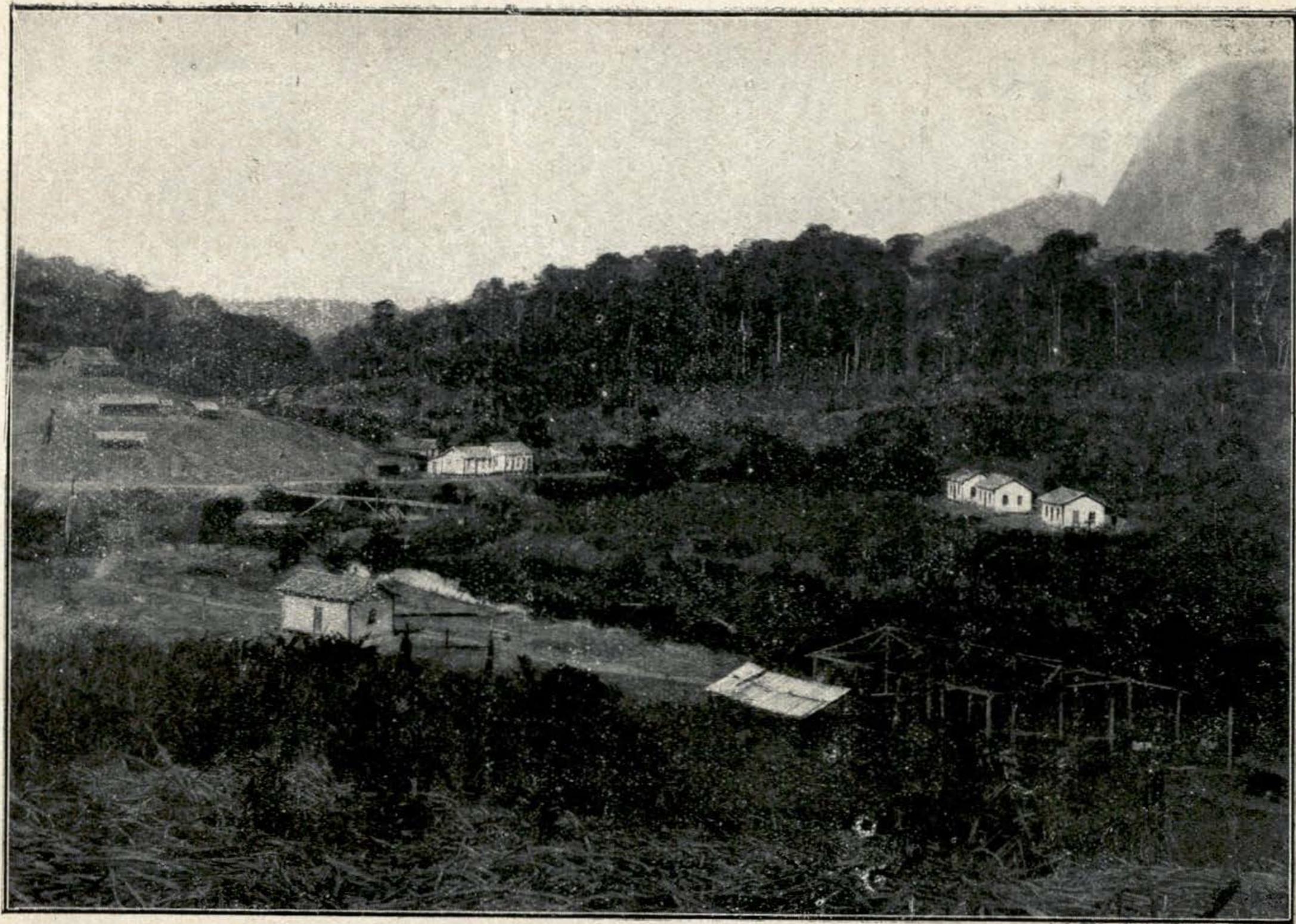
selvícolas, pelas relações amistosas que se entabularam entre elles e os empregados do Serviço de Protecção, que para esse fim viviam, havia mais de dez mezes, no meio da floresta virgem, em ranchos de pau a pique cobertos de folhas de coqueiro, expostos a perigos, privações e sacrificios que difficilmente se podem imaginar e mais difficilmente se podem descrever.

A consequencia immediata de tão grande triumpho da acção e dos methodos do Serviço de Protecção foi a abertura á actividade da nossa civilisação de um territorio que tinha de frente, ao longo da estrada de Ferro Noroeste, perto de 300 kilometros e de fundo toda a zona comprehendida desde o Tieté até o rio Feio (Aguapehy), deste até o rio do Peixe, e, em grande parte, dahi á margem do Paranapanema. Lugares servidos por estações daquella estrada, como Presidente Alves, Legru, Pennapolis, Glycerio, Araçatuba e Beriguy, que se não desenvolviam nem povoavam, em quanto se sentiam ameaçados pelos indios, tomaram de repente esplendido e maravilhoso surto: em pouco tempo levantaram-se verdadeiras cidades, illuminadas a luz electrica, servidas por telephones publicos, por boas estradas de automovel; fundaram-se enormes plantações de café, de canna de assucar e de cereaes até nas longinquas paragens que ficam alem do rio Feio, onde ninguem se atrevia a ir, e não foi antes dos empregados do Serviço. A construcção do prolongamento da Sorocabana até Porto Tibiriçá, sobre o rio Paraná, ao longo do sertão comprehendido entre o Peixe e o Paranapanema, poudo, igualmente, terminar-se sem nenhuma das perturbações que o governo do Estado esperava da parte dos Caingangos, e esse sertão se vai rapidamente povoando e enriquecendo com lavouras de toda especie, tudo pacificamente conseguido, como resultado da obra realisada pelo Serviço de Protecção aos Indios.

Identicos a estes, foram os resultados alcançados no municipio de Blumenau, e no territorio de Palmas, Estado de Santa Catharina, com a pacificação dos Botocudos, cujas hostilidades, ora exercidas ora soffridas da parte dos colo-

nos allemães, invasores de suas terras, levantavam constantes celeumas na imprensa de Berlim e de Vienna, nas quaes ao nosso paiz e ao nosso governo nunca faltaram os mais atrevidos doestos e apodos.

Como esses, podem ser citados outros insignes serviços prestados á pacificação de vastas regiões do paiz pela Protecção aos Indios. Pertence a esse numero a intervenção pela qual ficaram definitivamente supprimidos, desde 1911 até hoje, os conflictos que dantes existiam entre Aymorés e uma colonia italiana de S. Matheus, no Estado do Espirito Santo; a abertura do rio Jauapery, no Amazonas, á navegação e consequente aproveitamento economico de suas riquezas naturaes, o que era vedado pela tribu guerreira que povoa as suas mattas; a possibilidade que se creou de explorar as mattas de poaya, entre os rios Sepotuba e Paraguay, em Matto Grosso, pela aquietação das correrias guerreiras da tribu dos Barbados, que nellas habita; a travessia e as entradas pacificas que pela primeira vez puderam realisar os empregados do Serviço na ilha do Bananal, no Araguaya, graças ao entendimento com os Javahés e Tapirapés; os trabalhos, que neste instante mesmo se estão terminando, de transformação em pacifica da tribu guerreira dos Parintintins, cujos assaltos ainda enchem de pavor extensas regiões, cobertas de seringaes e de castanhaes, do Madeira e de seus affluentes; a dos Caingangs do rio Laranginha, no Paraná; a dos Cajabis, das cabeceiras do Tapajós. E isso sem falar nas numerosas tribus trasidas a relações pacificas com a nossa gente e a nossa civilisação, ao longo da Linha Telegraphica construida pelo General Rondon, como os Nhambiquaras, os Kepkeri-Uats, os Arikemes, etc.; e outras junto ás quaes os trabalhos tiveram de ser interrompidos, por falta de recursos orçamentarios, depois de terem custado a dedicados auxiliares do Serviço de Protecção extrenuos esforços e incalculaveis sacrificios, como foi o caso da tribu dos Urubus, no Estado do Maranhão, pela qual tanto se devotou o saudoso Major Pedro Ribeiro Dantas, e o dos Patachós do Jequetinhonha, no Estado da Bahia.



106

Vista de um Posto de Protecção aos Indios
Em pleno sertão do rio Dôce, E. do Espirito Santo

Acabamos assim de citar os nomes de diversas tribus guerreiras que o Serviço de Indios, affrontando e vencendo innumerous perigos, difficuldades e privações, foi procurar nos mais reconditos sertões do paiz para trazer a relações de amisade com a massa geral do povo Brasileiro, na qual em breve ellas desapparecerão, definitivamente assimiladas. Foram, portanto, outras tantas regiões do nosso territorio, onde até então o homem civilizado não pisava, ou só pisava em tom de guerra, matando e correndo o risco de ser morto, que se abriram á nossa actividade, á nossa industria, que se nos tornaram plenamente conhecidas nos seus accidentes geographicos, nas suas riquezas naturaes, no seu valor economico, que, em summa, se incorporaram de facto á vida da nação brasileira.

E isso corresponde a *serviços* que nada teem de *ficticios*, e que por sua vez não poderam ser realizados sem a execução previa ou concomitante de muitos outros, tão reaes como elles, taes como a construcção de estradas de rodagem, para penetrar e atravessar os sertões que se devassaram pela primeira vez, das quaes algumas satisfazem ás condições exigidas para o trafego de automoveis; a criação dos meios de transporte de pessoas e de cargas, por terra e por via fluvial, empregando-se nestas, algumas vezes, embarcações a vapor ou a motor de explosão; a derrubada de largos trechos de matta virgem para desbravar a terra e adaptal-a aos trabalhos de lavoura, á formação de pastos, á construcção de casas, á criação de gado e dos varios animaes domesticos; a introducção nesses lugares dos primeiros exemplares de animaes uteis, destinados á procreação: bois, cavallos, jumentos, porcos, cabritos, carneiros, gallinhas, pombos, patos, etc.; a introducção de arvores fructiferas, desde as bananeiras, as lorangeiras e as mangueiras, até os kakis, os pecegueiros e os marmeleiros; e muitos outros trabalhos que, ou não occorrem, ou seria de fastidiosa enumeração.

Até aqui só temos falado dos trabalhos e obras executados pelo Serviço nos sertões habitados por tribus

que viviam segregadas do grosso da nação brasileira; mas a esses devemos juntar os que elle tem realisado em beneficio de extensas populações pacificas de nove Estados, em cujo interior fundou, mantem e administra, na hora presente, 35 estabelecimentos diversos, uns simplesmente agricolas, outros principalmente pastoris. Nesses estabelecimentos, as populações brasileiras que nelles vivem, encontram o ensino de primeiras letras; a melhoria das condições hygienicas de suas moradas, de seus habitos e de sua alimentação; ensino dos officios de ferraria, carpintaria, sellaria, e outros essenciaes aos moradores do interior; ensino de musica e fornecimento dos respectivos instrumentos; melhoria dos methodos de trabalho; maior extensão desses trabalhos; aprendizagem do manejo e installação de machinas agrarias e das destinadas ao beneficiamento dos productos das lavouras; introdução de reproductores para melhoria das criações de gado vaccum, de suinos, de equinos, de aves, etc.; introdução de novas especies de forrageiras nos estabelecimentos especialmente destinados, pela natureza de suas terras, á criação de grandes rebanhos de bovinos, ou de outras especies; e criação de novos generos de actividade, como tratamento do bicho de seda, o cortume de couros, o aproveitamento de madeiras de lei e dos diversos productos naturaes das florestas e do sólo.

Estas são as melhorias e os beneficios mais faceis de serem enumerados e avaliados; mas os de mais alta valia, por entenderem com a situação moral e intellectual das populações, por lhes ter aperfeiçoado a constituição intima da familia, por lhes ter dado garantias de vida e de respeito á sua dignidade de homens, de membros da comunidade brasileira, de dignificação de suas mulheres e filhas: essas, quem as poderá tornar patentes e sufficientemente sensiveis num escripto? Só quem já conviveu com as nossas populações do interior e teve assim occasião de vêr como ellas vivem por ahi expostas e entregues sem defesa a todos os caprichos, oppressões e extorções dos senhores e chefes de infinitos matises, que se apossam das terras,



Atravez da floresta do rio Dôce

Estrada de rodagem construida pela Inspectoria de Serviço de P. aos Indios
no E. do Espirito Santo

é ás vezes do curso total de rios inteiros; dos cargos municipaes e estadoaes, que confiscam em seu proveito proprio, bem como das autoridades policiaes, dos tribunaes, da justiça publica e das leis; só quem já viu os soffrimentos de toda a sorte das nossas populações de interior, e mais principalmente dos indios semi-civilizados, miseros párias entre párias, pôde ajuizar todo o valor e alcance da protecção que o Serviço tem dado nesses 35 estabelecimentos a dezenas de milhares de patricios nossos, aos quaes garante a propriedade das terras, o proveito de suas plantações e de seus rebanhos, a remuneração de seu trabalho, a garantia de sua liberdade e até o livramento de mal disfarçada escravidão e de prisões injustas, feitas umas vezes para aterrorisar as populações e outras para desviar do verdadeiro culpado a punição de crimes nefandos.

Veem de longe os soffrimentos dessas populações. Em 1862, um presidente de Provincia, o Dr. Francisco Carlos de Araujo Brusque, compendiando-as em mensagem á assembléa do Pará, dizia: «Rude embora, o indio ama a familia e preza os filhos. Pois bem, é o sanctuario da familia, é o regaço do amor paternal o terreno em que o *regatão* exerce ás vezes a sua mais brutal ferocidade. Quando não seduz a esposa, rapta a filha, e quasi sempre arranca do gremio da familia tenras creanças que, em seu regresso aos povoados, reparte entre seus comparsas».

Pois bem, o Serviço de Indios, não se limita a constatar a existencia destes abusos e a lamentar que elles se cometam; mas, entrando em acção, os vae corrigido e supprimido, restituindo ás tribus as crianças e moças dellas arrebatadas por seducção ou por violencia, e que vinham trazidas para as cidades com destino a servirem de escravas ou a serem prostituídas; e obtendo dos juizes e tribunaes mandatos de habeas-corpus pelos quaes as autoridades policiaes se vêem compellidas a cumprirem, em relação a esses patricios, as leis que lhes garantem a liberdade individual. E por tal forma se tem levantado o nivel moral das tribus, o seu prestigio e estima no espirito dos

sertanejos, que de dia para dia se tornam mais numerosos e mais frequentes os casamentos entre indias e civilizados, cousa que antes do Serviço não havia, porque entre nós não se comprehendia a pobre india senão como concubina.

Taes serviços já são bastante valiosos para não se poder duvidar de que a repartição que as vem realizando «mereceu a consideração do paiz»; mas para citarmos tudo quanto ella tem executado em beneficio do desenvolvimento material e moral da nação, as dôres, os soffrimentos, os prejuizos que ella nos tem poupado, seria preciso que pudessemos enumerar cada um dos casos em que a sua acção tem evitado assaltos, mortes e depredações contra povoados, estradas de ferro, linhas telegraphicas, estabelecimentos agricolas, e até evitado, quem o diria?, que tomassem vulto reclamações diplomaticas que se esboçaram mas não puderam ir adiante por ter o Serviço a tempo esclarecido que havia um simples accidente fortuito onde se queria inventar um assalto a mão armada. Destas circumstancias, porém, como fazer o respectivo computo e como realçar o valor, o alcance de cada acontecimento cuja occurrencia não se verificou, por ter sido obstada pelo Serviço? Alguem disse que feliz é o povo que não tem historia, porque esse não atravessou os graves transes de guerras, de incendios e de dôres cuja narrativa constitue a substancia dos gloriosos annaes. Analogamente, os sertões em que a vida e a actividade laboriosa transcorre placidamente, dentro das normas da boa disciplina social, não mais fornecem materia para noticias vistosas dos jornaes, para citação de nomes de heróes ou de victimas, para registro de benemeritas intervenções. Não nos illudamos porém: é exactamente ahi que a acção do Serviço está produzindo os seus melhores fructos, é ahi que elle mais merece a consideração do paiz e mais reaes, menos ficticios trabalhos executa.

Quem quer de verdade conhecer essa obra e não se contenta com as informações escriptas ou verbaes que della dão os que já a conhecem e della tratam, deve seguir o exemplo de um illustre homem de letras amazonense, o

Sr. Joaquim Gondim, que acaba de fazer imprimir em Manaus um livro, a que intitolou «Através do Amazonas», no qual relata as impressões das viagens que realizou em 1921 pelo interior do grande Estado do Norte. Nesse livro, ha a descripção e numerosas photogravuras de nove estabelecimentos diversos, dos mantidos pelo Serviço de Indios em afastadas regiões daquelle Estado, alguns em pontos de fronteira com territorios de outras nações, nos quaes o pavilhão brasileiro só balouça aos ventos patrios desfraldado pelas mãos dos empregados da tão malsinada repartição de Indios.

Para julgar com inteira justiça esta repartição, é preciso tomar-se em consideração, alem dos trabalhos e obras que ella administra actualmente, outros que iniciou, mas de que teve de abrir mão por ordem superior, depois de nelles despende sommas importantes e muito esforço.

O pensamento que presidiu á sua criação foi o de levar ao nosso interior todos os meios que pudessem contribuir para o seu desenvolvimento e para a mais prompta melhoria possivel das respectivas populações. Nós viamos desenrolar-se sob nossos olhos o espectaculo do contraste profundo que havia entre o modo de serem tratados os trabalhadores ruraes provenientes de outras terras e os nascidos na nossa. Emquanto aquelles eram acolhidos com affagos e amparo nas colonias agricolas, onde o governo proporcionava-lhes meios e facilidades de angariarem terra, boa morada, instrucção para os filhos, etc., estes jaziam no meio de sua immensa miseria, inteiramente esquecidos de toda e qualquer protecção official.

O Ministerio da Agricultura tratou de dar remedio a tão extravagante situação, encarregando ao mesmo Serviço de cuidar do indio e do trabalhador nacional; por isso a denominação deste departamento era composta e indicava o duplo fim a que se propunha: proteger o aborigene e localisar, em terras que se tornariam de sua propriedade,

os caipiras, os roceiros, os caboclos, a gente, emfim, em que se vieram transformando os indios brasileiros e em que se hão de transformar os que ainda hoje existem pelos nossos sertões.

No desempenho dessa missão, o Serviço tratou de fundar, de 1910 a 1914, um Centro Agrícola em cada um dos oito Estados seguintes: Maranhão, Piauí, Paraíba do Norte, Pernambuco, Alagoas, Sergipe, Bahia e Rio Grande do Sul. A área total destinada a esses estabelecimentos subia a 10.170 hectares e elles podiam abrigar uma população de 2.710 familias. Das terras destinadas a tal fim, umas foram adquiridas, em todo ou em parte, pelo Ministerio da Agricultura, com recursos tirados das verbas do Serviço; outras foram doadas pelos respectivos governos locais.

Os trabalhos que o Serviço chegou a executar nesses estabelecimentos, variaram desde os preliminares levantamentos topographicos, que foram realizados em todos, até a divisão e demarcação dos lotes destinados a cada familia de colonos; abertura de caminhos; drenagem do sólo, para fins hygienicos e economicos; desobstrucção de rios; instalação de machinas para beneficiamento de productos de lavoura; construcção de casas, etc.

Depois de 1914 essa parte da primitiva repartição foi desmembrada do Serviço de Protecção aos Indios e passou para o Povoamento do Sólo; mas, enquanto existirem, aquelles estabelecimentos serão outros tantos attestados vivos do que tem sido a operosidade do Serviço de Indios em todos os pontos do interior do paiz onde lhe foi possivel agir por lhe terem sido dados para isso os meios necessarios.

Outro trabalho a que se destinava o Serviço e para cuja realização elle se aparelhou mediante a aquisição de valiosissimo material, é o de recolhimento de dados para a organização da carta itineraria da Republica. Para preencher esse fim, os organisadores da repartição, tendo á frente o General Rondon, proveram os principaes lugares das Inspectorias nos Estados com engenheiros ou agrimen-

sores, aos quaes incumbia proceder aos levantamentos, expedictos ou precisos, de accordo com as circumstancias do momento, dos rios e caminhos por onde passassem, quer fossem em demanda dos sertões para os reconhecer e explorar, quer em visita a tribus indigenas.

A esses trabalhos filiavam-se os concernentes á demarcação e medição das terras que já pertenciam aos indios, ou das que viessem a ser adquiridas para elles, por doação ou por qualquer outra forma. A esta parte do seu programma, o Serviço tem continuado a prover, apezar das difficuldades de todo genero com que ha de arrostar para desobrigar-se de similhante dever. Taes difficuldades nascem, em primeiro lugar, da quasi absoluta insufficiencia das verbas do Serviço, das quaes se ha de tirar tudo quanto é preciso para todos os trabalhos a que elle meta hombros; em segundo lugar, da falta de funcionarios de que se resente a repartição, depois que foi privada da grande maioria dos que a serviam nas Inspectorias; e em terceiro lugar pela inconcebivel comprehensão que os governos estadoaes teem, ou affectam ter, do que são as nossas leis e os nossos principios moraes quando applicados aos indios.

Para que se veja até que ponto as autoridades estadoaes se consideram desobrigadas de todo o dever de reconhecer e respeitar a propriedade das tribus e de acatar os compromissos contrahidos com ellas ou em nome dellas, basta citar os dois casos seguintes:

Num Estado do Sul, o Congresso decretou e o executivo sancionou uma lei que prescreve os meios a serem empregados para tirar a um grupo de indios umas terras em que elles vivem ha seguramente 74 annos; que lhes foram doadas por um particular, segundo consta de documento publico conhecido e que anda citado em papeis officiaes recentes; e nas quaes o Serviço federal se acha estabelecido e empregando dinheiros publicos, em construcção de casas, montagem de machinas, manutenção de escolas, etc., ha mais de dez annos seguidos!

Noutro Estado, este do Norte, o Congresso e o executivo fazem uma lei pela qual são declaradas nullas e insubsistentes as doações de varios lótes de terras, realisadas a favor de algumas tribus, na vigencia de outra lei. E é para notar que, na medição, demarcação e levantamentos topographicos dessas terras, havia a Repartição federal, devidamente autorisada pelo governo estadual, despendido importantes quantias dos seus orçamentos, durante varios annos; e que os trabalhos assim realisados já haviam sido julgados e homologados pelo governo do Estado, por actos especiaes, de differentes datas. Assim, pois, temos o exemplo de não serem acatados pelos Estados trabalhos federaes executados nos seus territorios, a custa de grandes sacrificios de dinheiro e de pessoal, na boa fé de concessões consignadas em leis dos mesmos Estados, leis baixadas especialmente para autorisarem esses mesmos trabalhos.

No sul, para despojarem os indios, allegam que elles são poucos e que a propriedade visada é grande de mais; no norte, apegam-se a miseraveis pretextos de forma no processo das medições, como si estas já não tivessem sido julgadas e homologadas, ha varios annos, pela autoridade competente: mas o motivo verdadeiro, sabido de todos, é que entre as terras assim reservadas para os indios, ha uma coberta de castanhaes, para a qual se viraram as vistas cubiçosas de certo potentado.

Vemos, por estes exemplos, que no Brazil os indios só podem guardar o que é seu em quanto o que possuem é bastante miseravel para não ser cubiçado por algum magnata. Noutros paizes, é exactamente o contrario: si acontece descobrir-se alguma fonte de riqueza em propriedade de indios, ahi é que o governo acóde para dar-lhes garantias contra possiveis esbulhos.

Assim, por exemplo, nos Estados Unidos, segundo refere F. Leupp, a descoberta, no territorio dos Choctaw e Chickasaw, de cerca de meio milhão de geiras de terras contendo carvão, petroleo e asphalto, determinou que essas terras fossem medidas e excluidas do numero das que podem

ser arrendadas a civilizados: são conservadas como propriedade das duas nações e o Governo as tem administrado em beneficio dellas.

Mas já é tempo de passarmos a outro ponto do discurso que deu lugar á presente exposição. Tomemos pois o seguinte trecho:

«Esse Serviço de Protecção aos Indios, conta com verbas tão faustosas que chegam a causar-nos irritação».

Neste terreno, parece que o melhor caminho a seguir é comparar as verbas qualificadas de faustosas, com as destinadas a identico fim em outros orçamentos.

Ora, o orçamento cuja discussão na Camara dos Deputados deu occasião ao discurso que nos occupa, consigna para a despesa total da Republica, em 1923, as quantias de 797.526 contos papel, e 88.482 contos ouro. Convertido tudo a papel, pelo cambio vigente, encontra-se que o orçamento dá para a despesa autorisada no corrente anno mais de um milhão e duzentos mil contos.

Nesse total a verba do Serviço de Protecção aos Indios figura com a parcella de 1.060 contos. Esta quantia é muito menor do que a millesima parte do valor total do orçamento da despesa.

Agora, para fazermos uma idéa do que isto significa, recorramos ao ultimo orçamento do Imperio. A despesa foi orçada para 1889, lei 3.397 de 24 de Novembro de 1888, em 153.148 contos.

Ora, esse orçamento consigna a verba de 220 contos para a *Catechese*, a qual constava de alguns serviços especificados nas provincias de Matto-Grosso e de Goyaz, e de auxilio para um asylo de meninos indigenas em Belém do Pará.

Procurando, como precedentemente, a relação por quociente entre esta verba e o respectivo orçamento,

achamos que ella é maior do que um setecentos avos deste.

Assim, pois, o Brazil, no tempo do Imperio gastava, só com algumas poucas tribus indigenas de duas de suas provincias, e com um serviço restricto na capital de outro, muito mais do seu orçamento, do que a Republica consigna dos seus, nos dias de hoje, para attender ás necessidades de todas as tribus do seu territorio. Com aquelle setecentos avos do seu orçamento, o Imperio não mantinha nenhum serviço propriamente publico, não sustentava nenhum estabelecimento nacional; subsidiava, apenas, ou auxiliava obras e fundações realisadas a custa de outros fundos. Com muito menos do que a millesima parte do seu orçamento, o Brazil de 1923 sustenta um serviço publico; mantem 35 estabelecimentos diversos em varios Estados; administra, conserva e melhora grandes propriedades do patrimonio nacional, como as fazendas do Rio Branco; realisa obras publicas de valor, como a construcção de estradas de rodagem, desobstrucção de rios, para os tornar navegaveis; augmenta o patrimonio nacional pela construcção de casas, acquisição de machinas, de embarcações, etc.

Tomando outro ponto de vista para esta comparação entre os dois orçamentos, diremos que em cada grupo de dez mil contos da despesa geral da Republica, ella destina oito contos e oitocentos mil réis para a Protecção aos Indios; ao passo que o Imperio, de cada grupo de dez mil contos da sua despesa, dava treze contos. Dahi resulta que, se a Republica guardasse em 1923 a mesma proporção de que usou o Imperio em 1889, ella destacaria agora, do seu orçamento de 1.200.000 contos, a quantia de 1.560 contos só para trabalhos em dois Estados. Como, porem, o actual Serviço de Indios estende a sua acção effectiva por nove Estados, e não vae além por falta de recursos que incessantemente pede, segue-se que a sua verba, em nossos dias, só para alcançar proporcionalmente ao que era no fim do Imperio, devia ser de mais de 7.000 contos. E seguramente que ainda seria deficiente, pois muito ha que fazer no

Amazonas, em Matto-Grosso, no Paraná, em Santa Catharina, e tudo em Pará, Acre, Alto Purús, Alto Juruá, Goyaz, e outros pontos do territorio nacional.

Agora, o que poderemos dizer do qualificativo de *faustosa* dado a essa verba de mil e sessenta contos destinada ao Serviço de Indios do Brazil em 1923? Teremos coragem de approximal-a das sommas que, para analogo fim, consignam os orçamentos dos Estados Unidos e do Canadá? Façamol-o, por dever de officio.

Francis Leupp, antigo Commissario dos Negocios dos Indios dos Estados Unidos, no seu livro intitulado — *The Indian and his problem* —, escreveu o seguinte: «O governo tem presentemente consciencia da obrigação que lhe cabe em relação a este povo que elle tomou sob sua protecção. Por isso, a mesquinha verba de 10.000 dollars que foi, até 1830, destinada á educação dos indios, veio augmentando até alcançar a 100.000 dollars em 1870, e o orçamento escolar, continuando a crescer com firmeza desde então, importa agora em cerca de quatro milhões de dollars — (amounts to about four millions dollars) —».

Convertida para a moeda em que se exprime a verba total do Serviço de Indios do Brazil, ao cambio em vigor, achamos que, *só para a educação*, os indios dos Estados Unidos recebem do governo de sua Patria quantia superior a 34.000 contos.

É preciso, além disso, ter presente que, de accordo com os numeros publicados no citado livro de Francis Leupp, a população indigena dos Estados Unidos quando muito attingirá a 300 mil pessoas; a do Brazil, segundo a estimativa do General Rondon, subirá a um milhão e quinhentos mil.

Além disso, o indio do Brazil, todo o mundo está farto de saber, é a expressão mais acabada do homem pobre, do homem despido de toda sorte de propriedades e de bens. Em contraposição a isso: «os livros do *Thesouro* dos Estados Unidos (F. Leupp, ob. cit.), mostram que os fundos fiduciarios depositados nelle a credito, de muitas

tribus, formam um total de cerca de 35.000.000 dollars, e produzem uma renda annual, na taxa de 4 a 5 por cento, superior a 1.800.000 dollars... São os fructos das negociações de todo o genero, com o Governo, desde 1837 até o presente. Às vezes o Governo induzio um grupo de indios a mudar-se das terras que elles estavam occupando e conseguio que transladassem as suas residencias para lugares préviamente escolhidos, obrigando-se a compensal-os com uma somma determinada; outras vezes, o governo comprou parte de suas terras, e depositou o preço da compra no thesouro em beneficio da tribu.

«Ha ainda duas fontes de renda para os aborigenes.

«No primeiro grupo entram as sommas annualmente votadas pelo Congresso para o sustento das tribus que não possuem fundos, ou cujos fundos são insufficientes para as suas necessidades.

«O segundo grupo baseia-se em negocios: procede dos productos de arrendamentos de terras das tribus; vendas de gado criado por empregados brancos do governo em fazendas da tribu (estas fazendas são propriedades fora dos grandes dominios chamados *reservations*); venda de lotes de terras das tribus, contiguas ou proximas ás cidades; venda de pedra, de madeira e do direito de caminho; além dos bonus e fóros de arrendamento de jazidas de ferro, de carvão, de asphalto, de petróleo, e assim por deante».

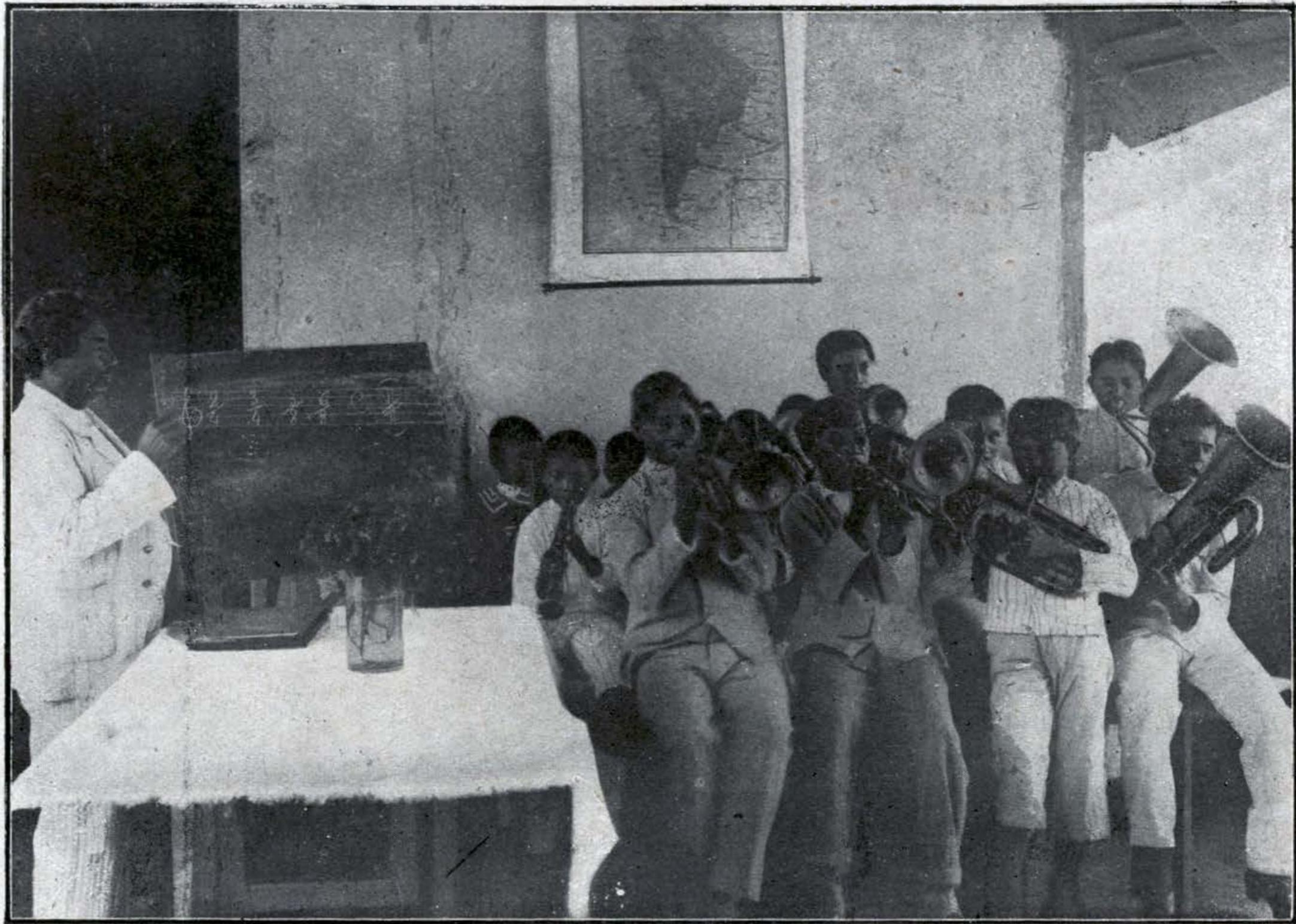
Compreende-se assim como é possível verificar-se nos Estados Unidos o que F. Leupp diz da tribu dos Osagos: «Na verdade, elles são o povo mais rico do mundo: si todas as cousas que lhes pertencem fossem vendidas, e distribuido *per capita* o valor da venda, cada homem, mulher e creança, receberia provavelmente de 35 mil a 40 mil dollars».

Pois, tão grandes recursos não impedem que repartições publicas venham empregar nas propriedades desses indios sommas vultuosas, em obras que redundam em enormes beneficios para essas populações de ricos. E' o que se infere de um discurso proferido na Camara, pelo deputado Ildefonso Albano:



Escola do Posto de Protecção aos indios Parecis

Estação de Utierity da linha telegraphica de Matto-Grosso ao Amazonas



22c

Aula de musica do Posto de Protecção aos Indios Parecis
Estação de Utiarity da linha telegraphica de Matto Grosso ao Amazonas

«Um dos actos mais meritorios, disse elle, do Reclamation Service, é a construcção de obras de irrigação para os indios. Assim os directores desse Serviço entraram em accordo com o Indian Department em 1907 e já executou varias obras irrigatorias para os indigenas. Nas terras reservadas aos indios Blackfeet, no Montona, estão executadas e em vias de execução cinco obras de irrigação, os canaes Cutbank, norte e sul, o canal Two Medicine, o Badger-Fisher e o Bird-Creek, destinado a irrigar cerca de 120.000 ares (48.000 hectares).

«Tambem no Montana, nas reservas dos indios Flat-head,.... tenciona a Reclamacion Service construir importantes obras de irrigação. Na reserva dos indios Fort-Peck ha projectos para 148.000 acres; os trabalhos para irrigação dos tractos de terras occupados pelos indios Plaia, no Arizona, já foram concluidos».

Vejamos agora o Canadá, de cujo Departamento dos Negocios dos Indios possuimos o relatorio referente ao anno de 1918, impresso por ordem do Parlamento.

Em primeiro lugar, digamos que o total da população indigena do Canadá é de 105.998 pessoas.

Pois bem, a propriedade *pessoal* desses Indios, em terras, construcções, vehiculos, aves domesticas, etc., etc., era de 65.285.112 dollars.

E elles tiveram em 1918 a renda total de 8.418.307,10 de dollars, para cuja somma concorreram os productos das fazendas com o valor de 2.834.149; os salarios com 2.043.137; as annuidades e juros de fundos depositados, com 555.628; além de outras rubricas, como arrendamento de terras, venda de madeiras, etc.

A esta população o Departamento esforça-se, segundo as suas proprias palavras, por dar uma tal educação que faça de suas novas gerações leaes cidadãos do Canadá e habilite-os a competir com successo com os seus visinhos brancos.

Para a consecução de tal fim, o Parlamento deu ao Departamento a verba de 734.112,33 dollars, ou sejam ao cambio de agora, mais de 6.377 contos de réis, além de outras consignações, para os demais serviços que incumbem ao Departamento, e que elevam o seu orçamento votado no Parlamento, a 1.771.660,49 dollars, isto é, muito mais do que 15 mil contos de nossa moeda!

Depois de lermos, compararmos e pesarmos estes numeros, que idéa podemos ter de nós mesmos, que achamos *faustosa* a verba de 1.060 contos destinada a dar tudo, absolutamente tudo, a uma população de um milhão e quinhentas mil pessoas que nada possuem de seu, nem a terra em que pisam, nem o rio em que pescam, nem o sólo que lavram?!

Continuando, o discurso affirma do Serviço que — « elle não é absolutamente efficiente, não se sabe qual o paradeiro ou localisação dos indios catechisados ».

Os objectivos do Serviço não são assentados ou prescriptos ao capricho de cada imaginação, ao sabor de suas predilecções, da maior ou menor profundidade com que essa imaginação haja examinado estes assumptos. Ao contrario disso, elles acham-se claramente enumerados e condensados no Regulamento que constitue a lei por cujos dispositivos os empregados do Serviço teem de pautar os seus actos, a sua intervenção e a sua operosidade.

Assim, a affirmação de que o Serviço não tem sido *efficiente*, é perigosamente vaga, porque póde envolver a pretensão de julgar a sua obra, não comparando-a com o que elle se obrigou a fazer, mas sim com um outro programma que não só elle não acceitou, mas até peremptoria e categoricamente regeitou e condemnou.

Precisamos, pois, sahir do laço armado pelo vago 'dos termos, e para isso pedimos que em vez de accusações como essa de se dizer « o Serviço não tem sido efficiente »,

nomeiem-se claramente as prescripções do seu Regulamento, os pontos do seu programma em que elle, por sua propria culpa e não por falta de meios de acção, falhou á sua missão, mostrou-se deficiente, lacunoso ou impotente.

Os que conhecem o Serviço e comparam a sua obra com o seu programma, esses sabem muito bem, que, para se dizer certo, precisa affirmar-se o contrario do que foi dito, isto é: affirmar que o Serviço, por toda a parte onde tem agido, se tem mostrado senhor de meios perfeitamente efficientes para, em primeiro lugar, proteger o indio, e em segundo, conduzi-lo a incorporar-se á nação brasileira.

Quanto ao outro membro da oração, com certeza não visava affirmar que *ninguem* sabe qual o paradeiro ou localisação dos indios catechisados.

Em primeiro lugar, não ha indios catechisados pelo Serviço de Protecção, e este faltaria aos seus deveres se enveredasse pelo caminho de dar ao indio, ou a quem quer que fosse, instrucção doutrinal sobre principios de fé. O Serviço não procura nem espera transformar o indio, os seus habitos, os seus costumes, a sua mentalidade, por uma serie de discursos, ou de lições verbaes, de prescripções, prohibições e conselhos; conta apenas melhora-lo, proporcionando-lhe os meios, o exemplo e os incentivos indirectos para isso: melhorar os seus meios de trabalho, pela introdução das ferramentas; as suas roupas, pelo fornecimento de tecidos, e dos meios de usar da arte de coser, á mão e á machina; a preparação de seus alimentos, pela introdução do sal, da gordura, dos utensilios de ferro, etc.; as suas habitações; os objectos de uso domestico; enfim, melhorar tudo quanto elle tem e que constitue o fundo mesmo de toda existencia social. E de todo esse trabalho, resulta que o indio torna-se um melhor indio, e não um misero ente sem classificação social possivel, por ter perdido a civilisação a que pertencia sem ter conseguido entrar naquella para onde o queriam levar.

Não ha indio catechisado pelo Serviço, mas ha o *protegido*, o *localisado* nas Povoações Indigenas, o recen-

temente *pacificado* nos sertões que a sua tribo dominava e preservava das invasões do homem civilizado, a golpes de flecha ou de tacápe. Quiz, a respeito desses, dizer o discurso que «ninguém sabe onde elles vivem, onde estão, nem como estão»! Pois a resposta a isso encontra-se até nos titulos das varias consignações em que, no orçamento, se divide a verba 15.^a, a do Serviço de Protecção aos Indios, pois ahi está declarado o numero de estabelecimentos mantidos pela repartição e a sua distribuição por Estados.

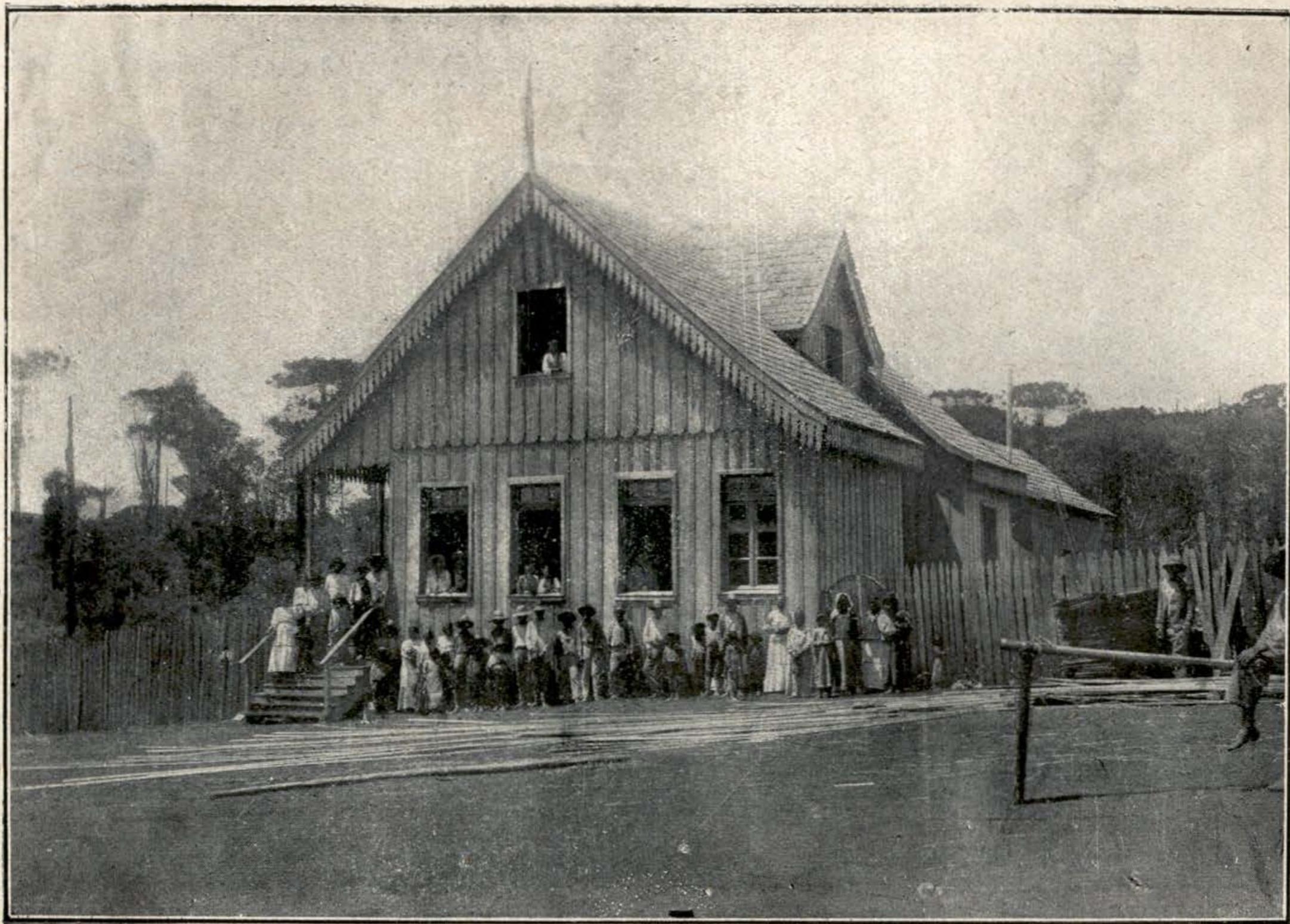
Mas é facil repetir aqui a relação dos postos de protecção e de pacificação, e das Povoações Indigenas, pelos quaes se destribue a população de indios que vivem sob a direcção, e voluntariamente recebem a assistencia, os auxilios e o ensino do Serviço.

São elles:

No Estado do Amazonas	8	postos	
„ „ „ Maranhão	3	„	
„ „ „ Espirito Santo	1	„	
„ „ „ Minas Geraes	1	„	
„ „ „ São Paulo	2	„	
„ „ „ „ „	1	Povoação	Indigena
„ „ „ Paraná	5	postos	
„ „ „ „	1	Povoação	Indigena
„ „ „ Santa Catharina	1	posto	
„ „ „ Rio Grande do Sul	1	Povoação	Indigena
„ „ „ Matto Grosso	1	„	„
„ „ „ „ „	10	postos	
Total . . .	35		

Nesses estabelecimentos, a não ser os que estão no inicio de relações com tribus guerreiras, como acontece neste momento com os Parintintins, os Cajabis, os Caingangs do Laranginha, os Cabixis do Rio Sararé, etc., encontram-se, além das mais variadas lavouras, de cereaes, de café, de canna de assucar, etc., machinismos para beneficiamento dos

26b



Casa da administração da Povoação Indígena de Passo Fundo

Índios Caingangos do Rio Grande do Sul



Vista de um Posto de Protecção aos Indios

O do Bananal, de indios Terenas. Sul de Matto Grosso.

productos dessas lavouras; para illuminação electrica; escolas de primeiras letras; aprendisados de varios officios; criação de animaes; numerosas bemfeitorias, e outras melhorias que se poderiam citar.

De quasi todos elles, ha no Ministerio da Agricultura photographias bem recentes, tiradas para a Commemoração do Centenario. A não se querer acreditar nessas photographias, nem no que dizem os relatorios officiaes e nem mesmo nas descripções de escriptores independentes, como o já citado autor do «Através do Amazonas», resta o recurso, não de se lhes negar a existencia, mas de ir pessoalmente verificar a de alguns delles. E isso não é difficil para quem se acha no Rio de Janeiro, pois que daqui partindo, com pequeno sacrificio, podem attingir-se, em poucas horas, os seguintes estabelecimentos:

1.º — Indo a Victoria, pela estrada de ferro Leopoldina ou por mar, e dalli seguindo pela estrada de ferro Victoria a Diamantina, até Colatina ou até Resplendor. No primeiro caso, atravessará em canoa o Rio Doce e, parte em automovel ou charrete, e parte a cavallo, percorrerá 46 kilometros de boa estrada, no meio da matta virgem, ao fim dos quaes estará no Posto do Pancas. No segundo caso, atravessará ainda o Rio Doce, em canoa, e logo se encontrará no Posto Guido Marlière, onde se está terminando a pacificação de um grupo de Aymorés.

Uma semana, comprehendendo a partida e o regresso a esta capital, é bastante para realisar esta visita. ¹

2.º — Uma vez em São Paulo, vae-se a Baurú, pela Sorocabana ou pela Paulista; dali, pela Noroeste, a Avahy, a Pennapolis, ou Glycerio.

No primeiro caso, com um percurso de 12 kilometros a cavallo, chega-se á Povoação Indigena do Araribá onde se verão todos os aperfeiçoamentos que o Serviço tem offerecido aos Guarany, alli installados, para melhorarem o seu genero de vida, as suas habitações, o seu trabalho, etc.

No segundo e no terceiro caso, com um percurso maior a cavallo, chegar-se-ha aos Postos do Icatú e Vanuire onde trabalham como bons e diligentes amigos nossos, os Caingangs que, durante tanto tempo, sob o nome de *coroados*, foram tidos como gente feroz, inadaptavel ao nosso convivio, quasi diriam: «extranhos ao verdadeiro genero humano!».

Em rigor, estas visitas exigirão pouco mais de uma semana, entre ida e volta; mas podem ser feitas em menos tempo.

3.º — De São Paulo, pela Sorocabana, a Ourinhos; dahi, por automovel, a Jacarésinho, no Paraná; de Jacarésinho, a cavallo, a Santo Antonio da Platina; depois, ainda a cavallo, pela estrada de penetração aberta pelo Serviço para pacificação dos Caingangs do Laranginha.

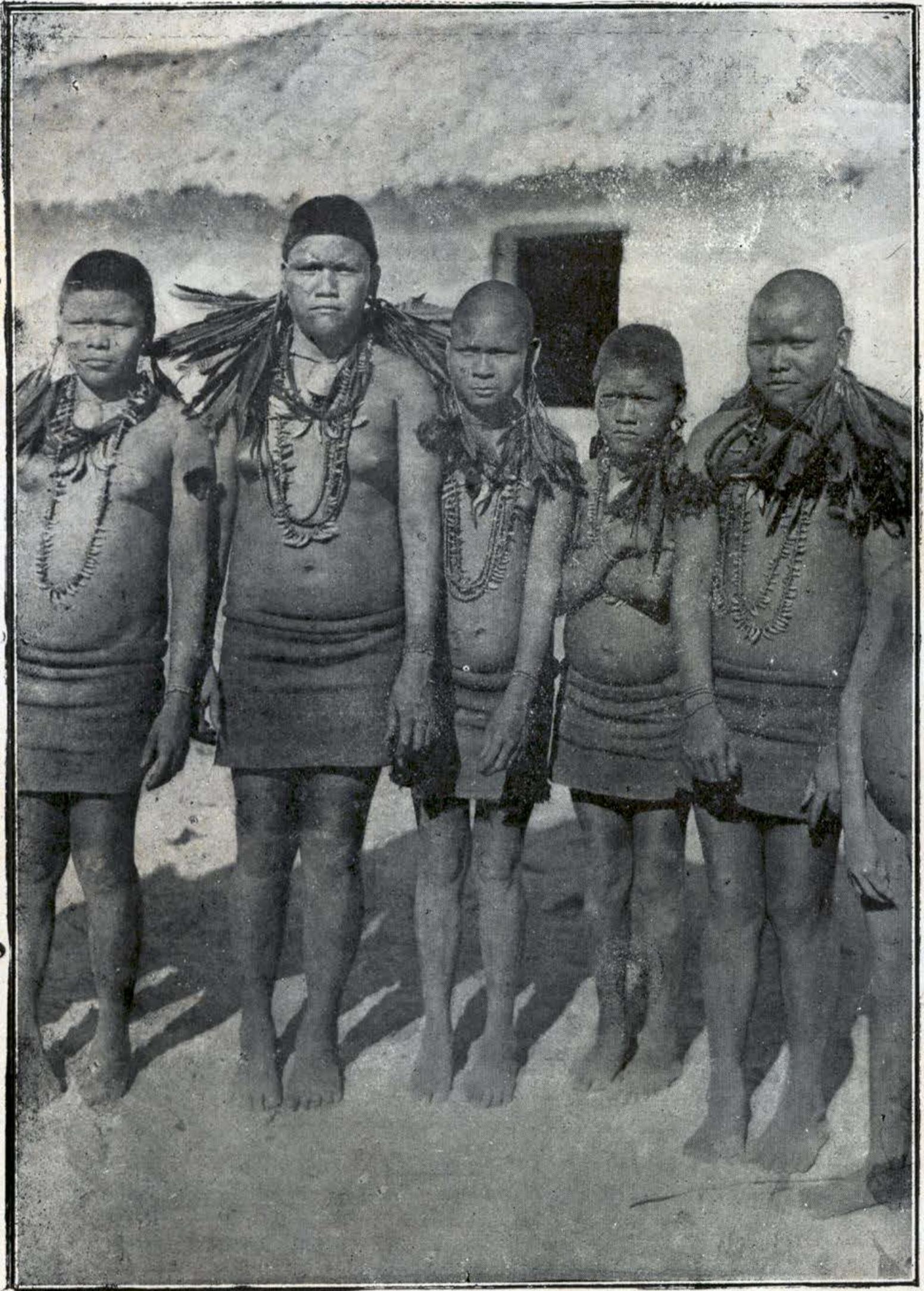
Aqui a viagem não é tão sem cuidados como as precedentemente indicadas, nem o posto offerece as mesmas commodidades que os outros: mas ha a vantagem de se ficar conhecendo como os empregados do Serviço trabalham em zona occupada por indios guerreiros.

A viagem póde terminar-se em uma semana.

Ora, é de esperar que estas indicações sejam aproveitadas pelas pessoas que, desejando saber «qual o paradeiro ou a localização dos indios» trasidos á civilização pelo Serviço de Protecção, não se decidem a acreditar na existencia desses paradesiros, nem que elles sejam taes como se os descrevem, sem directamente vê-los, em inspecção immediata.

Continua o discurso: «Tudo nos induz a crer que esses selvagens brasileiros não acceitam a cultura que lhes queremos proporcionar: fogem dos civilizados, não se incorporam ao nosso meio, teem emfim, todos os defeitos de uma raça inferior».

Ao depararem-se-nos casos como este, de ainda em nossos dias falar-se com tanto ardor e paixão contra os



Indios de Matto Grosso, de tribu recentemente pacificada.

nossos aborigenes, comprehendemos ao vivo quanta verdade e quanta propriedade havia no qualificativo de «questão abraçadora» dado por illustre escriptor brasileiro, João Francisco Lisboa, ao problema indigena entre nós.

É na realidade uma questão que apaixona, com certeza pelos grandes interesses, principios e sentimentos sociaes que põe em jogo e abala. Mas, convenientemente advertidos, por nossa parte trataremos de versal-a sem entrarmos no brazeiro das contestações academicas em torno das theorias, tão boas como as suas vetustas predecessoras que engendravam a crença em povos eleitos de Deus, relativas a raças louras ou morenas; cabeças compridas ou redondas; selecção natural ou artificial; eliminação dos fracos pelos fortes, e outros analogos argumentos com os quaes os que teem a força material de seu lado, esperam justificar o pessimo uso que della fazem para saltar, depredar e exterminar os que no momento não podem deffender á mão armada a sua liberdade, os seus haveres e a sua vida.

«Os selvagens brasileiros não acceitam a cultura que lhes queremos proporcionar». Mas, qual a cultura a que se faz allusão nestes termos? Quem procurou proporcionar essa cultura, e viu perdidos os seus esforços?

Bastaria a resposta a estas duas perguntas para facilitar muito, ou talvez mesmo tornar desnecessaria qualquer contradicta áquella proposição. Porque, si a cultura que se quiz inculcar ao pobre selvicola, foi a mental de um de nossos bachareis ou mesmo a de um simples letrado; si foi a moral de um doutor em canones, ou mesmo a de um noviço ou noviça de convento; si foi a pratica de um mechanico ou de um guarda-livros de banco, em qualquer desses casos, como se admiram de que elle a não tenha acceitado, ou antes, e melhor, que a não tenha podido acceitar?

Mas, si em lugar de tão disparatada acção como seria essa de querer transmudar o indio em doutor, em frade ou em banqueiro, nos limitarmos a só exigir delle o possivel, isto é: que adopte, dos meios e recursos da nossa civilisa-

ção, os instrumentos, os processos, os modos que melhoram e aperfeiçoam a sua industria, as suas casas, as suas lavouras, as suas vestimentas, a constituição da sua familia, e tantas outras cousas que são communs á nossa vida e á delle, então o veremos, sem esforço nenhum de nossa parte, ir apropriando-se dos nossos conhecimentos, das nossas observações, das nossas maneiras de obrar, proprias áquelles actos e áquelles habitos. Irá elle approximando-se, não dos doutores, nem mesmo dos operarios da cidade, mas dos nossos trabalhadores das fazendas, dos nossos campeiros de gado, dos nossos roceiros ou caipiras, em summa. E nesse transito, não estará o selvicola caminhando para nós, adaptando-se á nossa cultura, isto é, á cultura geral do povo brasileiro, naquillo que ella lhe é accessivel no estado em que nós o encontramos?

Elles aprendem e acabam adoptando a nossa lingua. Só com isso quantas noções não adquirem; quantas modificações não soffre o seu entendimento; quantos novos pontos de contacto não se formam entre a sua e a nossa alma? Elles abandonam, uns mais outros menos rapidamente, o genero de actividade em que fundavam a sua subsistencia e a de suas familias, o qual era essencialmente a caça e a pesca: e em lugar delle adoptam o que nos vêem praticar, em lavouras ou pastoreio de gado;—contrahem a noção de trabalhar sem conhecer o destino objectivo, immediato, para Pedro ou para Paulo, do producto desse trabalho; concomitantemente com isso, lhes vem a noção de dinheiro e a transformação do modo de commerciar, que deixa de ser por troca directa dos objectos, para ser mediante o signal abstracto que representa o valor do objecto. Augmentam rapidamente o respeito que já tinham pela vida de seus semelhantes e não tardam em se tornar monogamos.

Pois estas modificações, e muitas outras que se poderiam igualmente citar, não consistem, afinal, em caminharem elles para a nossa civilização, em «se incorporarem ao nosso meio», não propriamente ao nosso meio das cidades, mas ao *meio brasileiro* do interior do paiz?



Indio do Amazonas de tribu recentemente pacificada

E que estas modificações se dão, quem o poderá contestar a pessoas que teem convivido durante decennios seguidos, e não por alguns instantes fugidios, com indios de todos os sertões do Brazil; que teem lidado tanto com tribus que pela primeira vez sahem do fundo de suas florestas seculares, como com as que vivem promiscuamente com os descendentes dos europeus desde os primeiros dias do descobrimento?

Barbosa Rodrigues, que esteve tantas vezes entre elles, cita as palavras de «*um bom observador*», que disse: «Esta raça só quer o bom exemplo e o bom ensino. A natureza com ella foi prodiga na formação dos seus dotes moraes; si decahiu e se aviltou, toda a culpa recahe sobre os que a educaram e a educam».

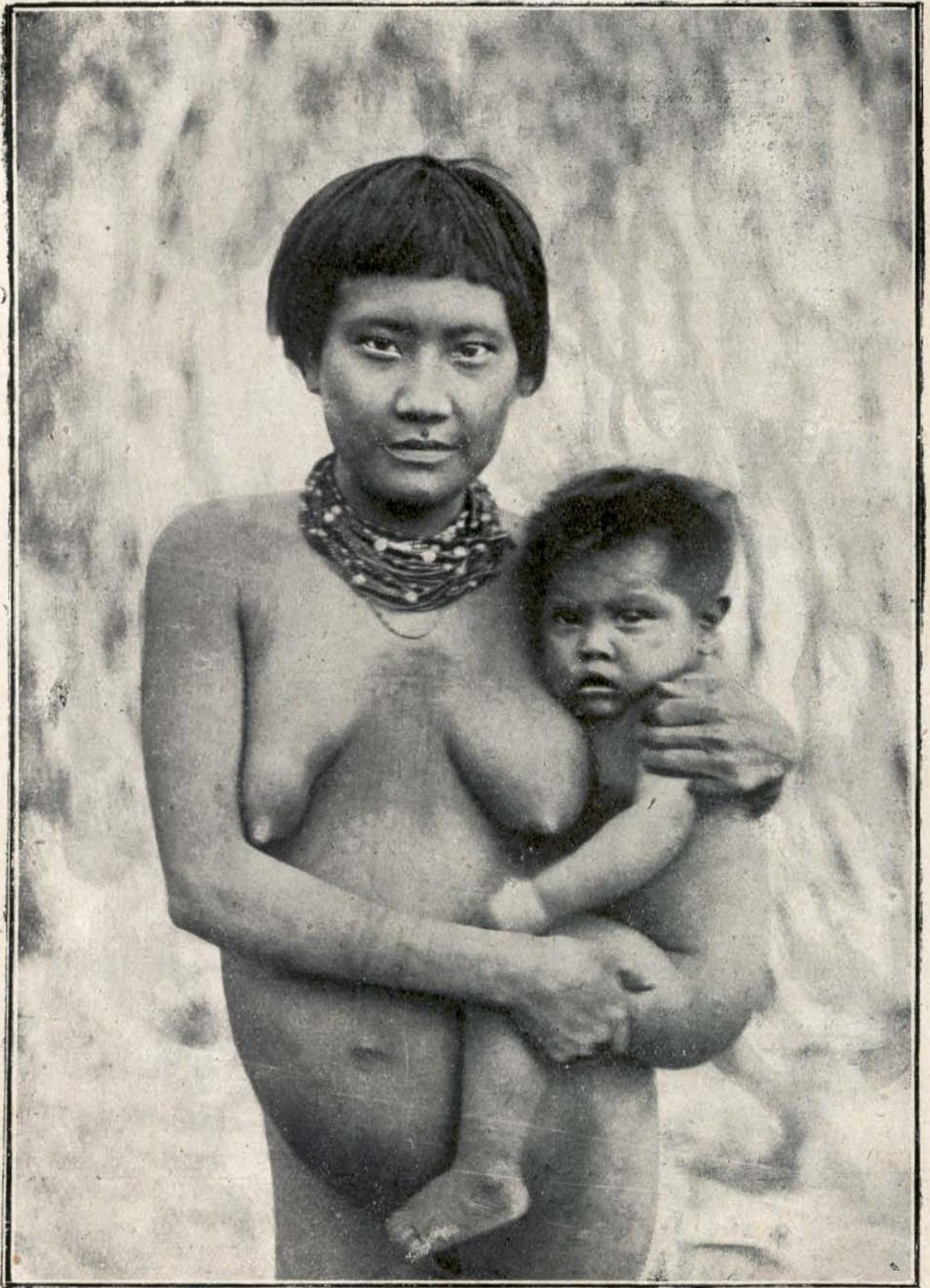
A estes dotes moraes refere-se um escriptor francez Ferdinand Denis, o qual, aliás, no seu livro *Brazil*, traducção portuguesa da casa Garnier, trata sempre o indio com visivel antipathia e mesmo com duresa. Não obstante, escreveu: «Ha na existencia social dos indios certas virtudes que não se encontram no mesmo gráo entre povos adeantados na estrada da civilisação. Nas frequentes miserias da vida selvagem nunca o fraco era esquecido e o forte se resignava primeiro que elle a sofrer. Não havia convenção feita com consciencia, que pudesse resolver um chefe a apoderar-se dos bens da terra que se reputavam de toda a tribu. Durante a mingua de alimentos, era o escravo servido antes do *mus-sacat*. Uma das qualidades dos selvicolas, era a sua inviolavel boa fé nas transações, particulares ou geraes. Não ha talvez exemplo de que fosse por elles quebrantado um tratado de paz celebrado com os conquistadores. Esta boa fé nos tratados se manifestava em todas as relações da vida; e os antigos escriptores são todos unanimes ácerca da ternura, e mesmo das attenções que entre si testemunhavam, ainda que mais de vinte familias algumas vezes sob o mesmo tecto habitassem».

Tanto aqui no Brazil como fóra do Brazil, chegou-se, afinal, á comprehensão de que não se tem de procurar com-

pelir o indio a transformar-se subitamente em *civilisado*. «É necessario deixal-os, diz o Dr. Barbosa Rodrigues, mesmo depois de aldeiados, com seus costumes, para que aos poucos os vão abandonando». E F. Leupp, descreve nestes termos as melhorias que vio adoptadas por uma tribu que aceitara installar-se perto de um estabelecimento do Departamento de indios: «Eu os vi o anno passado. Já comiam os seus alimentos em mesa e não no chão; dormiam em leitos e não em terra; suas casas eram de boa apparencia em relação ao acceio medio usado nas tribus. Tudo isto é resultado de absorpção e não de educação artificial e forçada».

Identica a estas é a observação que registra o autor francez acima citado, em relação aos selvicolas do rio Doce e do Belmonte: «Desde 10 ou 12 annos estas tribus se teem achado num continuo commercio com colonos brazileiros, e teem soffrido as modificações que deviam resultar deste contacto immediato com homens civilisados. Uma de suas primeiras resoluções foi abandonar, ao menos em parte, o uso do singular adorno que á sua phisionomia dá tão feia apparencia; alguns individuos se resolveram a fazer pequenas lavouras; chefes que pareciam irreconciliaveis se congregaram; reina finalmente a paz naquelles desertos. Digamol-o com orgulho, tudo isso se deve a um francez, Thomas Guido Marlière, o qual se estabeleceu nas margens do rio Doce desde 1824. Numerosos obstaculos se apresentaram desde essa época ao bem que Marlière intentava fazer. Ignoramos se os referidos obstaculos estão hoje superados; porém é uma vida generosamente sacrificada a do homem que, a respeito dos selvagens, não cessava de dizer aos brazileiros: «*Amor e lealdade para com elles, meus amigos, e temos homens*».

Os que conhecem de verdade o indio, ficam penalizados quando vêem escriptores estimados e bem intencionados fazerem-lhe a injustiça de repetir descabidas accusações, como a de «ser elle indolente e não gostar do trabalho». Em seu *habitat* proprio, e no seu genero de vida primitivo,



India do Amazonas, de tribu recentemente pacificada

o indio dá provas de uma operosidade, de um esforço, de uma constancia na acção, de uma resistencia á fadiga, de um tino em vencer as difficuldades, que bem raramente se encontra entre nós.

Quem já pensou, sem ficar estarrecido á simples idéa de se vêr a isso condemnado, no trabalho que é derrubar uma arvore a machado de pedra? No entanto, os indios faziam extensas derrubadas para as suas plantações de milho, de mandioca, de favas, etc. E o trabalho, a arte, a infinita paciencia que elles tinham de despender para a preparação dos seus arcos e das suas flexas; para o aperfeiçoamento das pedras em machados e machadinhas; para fixar esses machados em seus cabos; para as caçadas aos grandes animaes, como a anta, o veado, a onça, sem o auxilio de cães? A delicadesa immensa no apanhar vivas as aves, que se guardam como reservas alimenticias para os dias de penuria; a arte e a applicação no abrir fogo pelo attricto de duas peças de madeira; no conserval-o pelo maior tempo possivel; na fiação de fibras textis, para confecção de cordas e para tecidos varios, artisticamente enfeitados com desenhos de fios coloridos, inseridos na urdidura; os artefactos de barro; os enfeites de penna; e admirabilissimos outros productos de um genio industrioso incansavel e cheio de recursos; e até os tocantes mimos que eram os brinquedos das crianças, os pequenos arcos, as flexas em miniatura, tudo manipulado através de mil difficuldades por aquelles homens rudes, tão mal julgados ainda hoje?

E as transformações que introduziam em seus utensilios, com os materiaes que apanhavam dos civilizados? Os Caingangs paulistas, trabalhando com infinita paciencia, cortavam as pás e as enxadas tomadas aos trabalhadores da Noroéste, em laminas, sem outro instrumento sinão lascas de silex, e depois ageitavam-n'as em pontas de flecha, com tanta regularidade e perfeição que difficilmente se acreditava não serem forjadas por um bom ferreiro. Os Botocudos de Santa-Catharina, com as laminas de serra que tomavam aos madeireiros allemães, trabalhando-as só a pedra, faziam

temerosas e bellissimas pontas de lança e de flecha, que tanto serviam para a caça dos grandes herbivoros, como para a guerra. Os Caingangs paulistas, nos primeiros dias da pacificação, tendo obtido um guarda-sól velho, inventaram desmontar as suas varetas, despontal-as e utilisal-as para furar os dentes de macaco de que faziam lindos collares, nos quaes, antes disso, esses dentes figuravam engastados num tecido de fibra de cipó imbé. Com as mesmas varetas elles conseguiram furar quanto nickel se lhes dava, para enfiar-os nos collares de suas mulheres.

Esses homens podiam ser indolentes e refractarios ao trabalho? Quantos de nós succumbiria de fadiga e de fome si tievsse a sua subsistencia dependente das longas caminhadas a que elles eram obrigados para apanhar a caça de que se tinham de alimentar; para tirar, em troncos de arvores prodigiosas, os favos precisos para o seu hidromel; ou para derrubar a machado de pedra o coqueiro e lhe tirar o palmito?

Como essa, muitas outras opiniões erroneas correm mundo, repetidas como outras tantas verdades. Assim, escreveu o mesmo estimado autor: «o indio tinha o sentimento de *propriedade collectiva* (da tribu), mas não o tinha da *propriedade privada*: o indio não julgava fazer mal roubando».

Isso só é verdade em se tratando da propriedade territorial. A terra, com as mattas, os rios e as caças que nella existiam, o indio não concebia que pudesse ser deste, daquelle, ou de alguns individuos: tinha-a como propriedade geral da tribu. Mas, a caça uma vez preada; o arco, a flecha; os enfeites; os utensilios domesticos, panellas, vasos de barro, purungos, cestos; os animaes mansos; as aves guardadas vivas, como reserva alimenticia; as rôças e muitas outras coisas, constituiam propriedade privada e o indio tinha na conta de acção reprovavel o apoderar-se alguém de alguma dellas, sobrepticamente, sem o consentimento do respectivo dono.



Indios tupis do Gy-Paraná, Matto Grosso.

Em relações com a comissão telegraphica de M. Grosso ao Amazonas

À primeira vista, póde parecer que ha contradicção entre o que se affirma aqui e o que se encontra registrado em muitos autores, como resultado de suas observações, que dão o indio como fórtemente inclinado ao furto e ao roubo. No entanto essa contradicção é simplesmente apparen-te e si existisse seria da mesma ordem da que nos offerecem os naturalistas, exploradores geographicos ou excursionistas scientificos que, não obstante serem pessoas perfeitamente honestas, incapases de furtarem um alfinete que seja nas cidades e nas moradias civilisadas, quando se vêem numa aldeia de indios, si pódem, fasm mão baixa sobre todos os objectos que encontram; e si não pódem, tratam de se apossar delles logrando velhacamente os respectivos donos, isto é, dando em tróca de artefactos preciosos coisas de minimo valor. Assim fórmam-se, ou antes, formavam-se sem dispendio nenhum, ou quasi nenhum, copiosas collecções ethnographicas que figuram nos museus de Európa, da America do Nórte etc.

Esses mesmos naturalistas ou excursionistas scientificos, que repeliriam com horror a idéia de violarem tumulos nos nossos cemiterios, não sentem a menor sombra de escrupulo em revolver quanta sepultura de indios a sórte lhes depara nos sertões, e consideram-se muito honrados quando se apresentam nas cidades carregados de despójos mortuarios obtidos dessa fórma.

Si perguntassemos a um indio: — Que idéia fases destes homens que levaram os teus arcos, as tuas flexas, os teus tecidos, os teus ricos kanitár de pennas, as tuas urnas furerarias, e tantos outros objectos preciosos do teu uso quotidiano e reliquias sagradas? — Certamente que elle nos responderia: — é um desbragado ladrão, como todos os homens da sua raça —. No entanto, nós sabemos que este juizo e esta sentença do indio são profundamente injustos. O que houve, foi simplesmente que o naturalista e o excursionista scientifico, não consideraram que fosse roubo ou furto o apoderaram-se como fiseram daquellas cousas que pertenciam a um outro povo, a uma outra civilisação.

Analogamente, o indio que se abstem de tomar e guardar para si objectos pertencentes a outro indio, e que tem tal accção por feia e reprovavel, encara como acto perfeitamente legitimo o apossar-se por espertesa ou por força dos nossos machados, foices, facas, etc. No entanto, si as relações entre elles e nós estreitam-se e perduram, e si nós lhes damos exemplos de generosidade no trato e de lisura nas transacções, rapidamente desaparecem essas praticas e elles passam a respeitar as nossas propriedades como respeitam a sua propria, e tanto como nós mutuamente respeitamos a nossa.

A verdade, pois, é que o indio não é mais nem menos inclinado ao furto do que a gente da nossa civilisação; elles conhecem a propriedade individual e sabem respeitá-la; o que lhes falta, nos casos em que a infringem, como em outros que para elles são crimes, tanto como para nós, é a idéia e concomitante pratica da repressão collectiva. Um acto desses, si praticado por um membro contra outro da mesma tribu, dará lugar a represalias da victima e quando muito de seus parentes, mas não dará lugar a pena decidida e aplicada pela tribu. Só quando a violencia é de membro de uma tribu contra o de outra é que a collectividade se dá por offendida e se acha no dever de tomar uma desforra tambem collectiva, fazendo responsaveis pela offensa todos os individuos do povo a que pertence o offensor.

Desse módo de comprehender os factos sociaes nós mesmos viemos, e infelizmente ainda não nos achamos tão afastados delle que não apresentemos frequentes casos de dolorosa recahida!

Mas deixemos estes aspectos, aliás interessantes, da vida do indio, para voltarmos ao discurso que nos vinha occupando. O selvagem brasileiro, diz elle — «tem todos os defeitos de uma raça inferior».

Ao lermos esta sentença, não nos póde deixar de occorrer, melancólicamente, as vezes que já a encontramos formulada contra o povo brasileiro tomado no seu conjuncto. Houve mesmo um estrangeiro bastante petulante para levantar a



India da tribu dos Uaimarys, Amazonas, pacificada em 1911.

duvida si seriamos dignos de occupar uma terra tão bella e tão rica como a do Brazil, a qual, afinal, é um *patrimonio da civilisação*, e precisa ser devida e convenientemente lavrada e aproveitada. Elle empregava contra nós a mesma theoria que, em nosso nome, se empregaria agora contra os selvicolas. No fundo, a razão d'elle era a mesma que a nossa: O governo do paiz a que elle pertencia, possuia mais navios, mais canhões e mais soldados do que o nosso; como nós possuimos espingardas, bombas e metralhadoras que os indios não possuem.

Para consolo nosso, baste-nos recordar que o mais egregio dos nossos homens politicos, o Patriarcha da Independencia, um seculo atrás, tirava das profundezas do seu magnanimo coração e do seu grande saber, pensamentos como este: «O homem primitivo nem he bom nem he mau naturalmente... Si Catão nascera entre os Satrapas da Persia, morreria ignorado entre a multidão de vis escravos; Newton si nascera entre os Guaranis seria mais hum bipede, que pesara sobre a superficie da terra; mas um Guarani criado por Newton talvez que occupasse o seu logar».

Em outros termos, um illustre estrangeiro, Eliseu Réclus, na sua nova *Geographia Universal*, repete esta magnifica lição contra a falsa theoria da «inferioridade da raça», dizendo:

«Escriptores do ultimo seculo, notadamente Ulloa, negavam toda intelligencia aos naturaes da America do Sul: *elles não teem discernimento nem comprehensão: são animaes, são brutos*».

«Muitos colonos do Brazil chamam os indios de *bicho do matto*. Taes asserções depõem sobretudo contra os que as avançam. O facto é que os americanos do Sul, como os representantes de todas as raças humanas, participam de nossas fraquezas e de nossas forças; possuem, em gráus diversos, nossas faculdades intellectuaes e moraes; elevam-se á realisação de grandes acções e recahem em praticas ignobeis; progridem ou decahem segundo as lutas nas quaes

estão empenhados, o meio ao qual se accommodam e á parte de liberdade de que gosam ».

Lê-se no discurso: « Não tenhamos, por espirito de nacionalismo piégas e incomprehensível, a veleidade de querer explicar á Nação que é preciso proteger o selvagem ».

Em primeiro lugar, o pensamento de proteger o indio não é privativo nosso, nem nos podemos vangloriar de sermos os primeiros a quem elle occorreu. A honra de tal precedencia cabe a uma senhora, e senhora egregia: é o que se infere da seguinte passagem de um trabalho de Silvestre Rebello, publicado na Rev. do Inst. Historico, tomo I:

« Na chegada da fróta a Sevilha vieram ordens da côrte para se venderem os indios como escravos; comtudo, o piedoso coração de Isabel fez com que esta ordem fosse contramandada, e que os indios fossem reenviados a São Domingos, para onde se mandou tambem outra ordem para que os mesmos indios fossem alliciados com affagos e carinhos e não perseguidos militarmente e reduzidos á escravidão ».

Muitos outros personagens illustres, que enchem as paginas da historia da Humanidade com os fulgores da sua gloria, levantaram-se em defesa do indio e manifestaram-se seus amigos.

O chanceller Bacon, por exemplo, num pequeno trabalho escripto para chamar os europeus a sentimentos humanos em relação ás indefesas populações do novo mundo, dizia: « Lembremo-nos de que se somos christãos, os outros são homens ». E noutro tópicó: « Guardemo-nos de fazer do nosso Salvador um Moloch, offerecendo-lhe em holocausto o sangue desses homens ».

O grande Jefferson, quando presidente dos Estados Unidos, em 1804, não desdenhou a amisade de uma tribu



Chefe dos Crenacs, rio Doce, Minas Geraes

TRIBU PACIFICADA EM 1911

indigena e mandou que o seu ministro da guerra escrevesse-lhe uma carta exprimindo a satisfação do governo de Washington pelas boas relações com o povo aborigene a quem ella se dirigia. Essa carta tinha o seguinte fecho: «O Presidente vos envia uma cadeia de ouro puro, o qual nunca enferruja. Assim queira o Grande Espirito ajudar-nos a conservar resplandecente, por uma longa successão de seculos, a cadeia da amizade da qual a cadeia de ouro é um emblema».

Em segundo lugar, si adoptassemos o conselho de não proteger o indio, abandonaríamos todas as tradições da nossa historia e as lições dos nossos maiores patricios.

O primeiro regeitado seria José Bonifacio, que compendiou em cinco mandamentos, «os meios de que se deve lançar mão para a prompta e successiva civilisação dos indios», os quaes são:

- 1.º *Justiça*, não esbulhando mais os indios, pela força, das terras que ainda lhes restam, e de que são legitimos senhores;
- 2.º *Brandura, constancia e soffrimento de nossa parte*, que nos cumpre como a usurpadores e christãos;
- 3.º *Abrir commercio com os barbaros*, ainda que seja com perda da nossa parte;
- 4.º *Procurar com dadivas e admoestações* fazer pazes com os Indios inimigos;
- 5.º *Favorecer por todos os meios possiveis* os matrimonios entre Indios e brancos e mulatos.

Depois seriam os nossos mais esclarecidos homens de governo, os quaes trabalharam sem desfallecimento pela prosperidade do selvicola desde os primeiros tempos do descobrimento do Brazil até nossos dias; seria um Caxias, que no Maranhão e no Rio Grande do Sul, em Relatorio de abertura da Assembléa Legislativa, 1846, levantou a voz

a favor do indio; ou um Inglez de Sousa, que a 15 de Junho de 1889, no Instituto de Ordem dos Advogados, formulava a seguinte proposta:

«Proponho que o Instituto represente ao Congresso Nacional sobre o imperioso dever e alta conveniencia de regularisar no direito nacional a situação dos aborigenes do Brazil, quer aldeiados quer errantes ou nomades, de modo a probegel-os efficazmente contra as violencias e depredações de que são victimas e a incorporal-os ao organismo economico do paiz como força productora, decretando legislação apropriada a esse duplo fim em bem dos sentimentos de Humanidade e dos interesses da civilisação».

Ou um Barbosa Rodrigues, que reclamava para os selvícolas a protecção do governo nos seguintes termos: (*Vide A Pacificação dos Crichanás*):

«É triste vêr os indios expulsos das florestas em que se crearam, onde suas redes se ataram e suas malocas se ergueram.

«Extorquidas as terras, derrubadas as suas mattas, revolvidas as suas urnas mortuarias, como viverão elles? E ainda mais, divididos, esparços e foragidos?... Que o seculo XIX não assista mais a este espectáculo. Que se prohiba a dispersão dos membros de uma tribu. Que suas terras lhes sejam legalmente doadas, como é de lei, sem direito de alienação. Que se cumpra o aviso de 21 de Outubro de 1850, para que não sejam depois os indios usurpados do que é seu».

Essas são as vozes que fallam em nome das melhores tradições do nosso passado, chamando-nos ao cumprimento de um indeclinavel dever; e ninguem dirá que para tanto falte autoridade a um José Bonifacio, a um Caxias, a um Inglez de Sousa, a um Barbosa Rodrigues, e a tantos outros que seria facil citar.



Menina Crenac, rio Dôce — Minas Geraes

Tribu pacificada em 1911.

Mas, proseguindo na leitura do discurso, vamos encontrar o seguinte: «A historia do Brazil ⁽¹⁾ não apresenta, desde que resolvamos despir os indios das falsas vestes que os poetas lhe hajam emprestado um exemplo sequer de selvicola que houvesse contribuido para o nosso progresso».

Recorramos, pois, á historia do Brazil, tal como a relatam os que a tiveram de estudar pausada e cuidadosamente.

Em 1788, Domingos Alves Branco, em seu «Plano sobre a civilisação dos Indios do Brazil», entendia que só á incomparavel vivesa dos selvicolas e aos seus conhecimentos de hervas medicinaes, devia-se o bom exito dos trabalhos de exploração e de estudos dos cosmographos portuguezes, ao longo das costas e no interior do paiz.

João Mendes de Almeida, nas suas «Notas Genealogicas», escreveu:

«A verdade é que os pobres indigenas do Brazil, que foram os verdadeiros constructores das cidades e das povoações após a descoberta, e sem os quaes os portuguezes teriam perdido esta conquista, pois que eram impotentes para a colonisação de tão vasto territorio, e ainda mais impotentes para o defenderem dos franceses, dos hollandeses, dos ingleses, a verdade é, dizemos, que os indigenas do Brazil não mereciam dos portuguezes sinão o rigor e o máu trato, e, por sobre carga, o desprezo dos proprios que delles descendem e que consentem no apagamento de todos os signaes de sua natural procedencia.

(1) — Nos Estados Unidos foi instituido um Dia do Indio Americano, e por essa occasião publicou-se calorosa proclamação na qual se lê: — Agora que a gloria e as nuvens do passado só se lembram nas paginas dos monumentos historicos nós não podemos esquecer o presente e o futuro do nosso povo. Cabe-nos promover e adquirir todos os meios que tornam as raças e as nações mais efficientes e mais nobres; pelos quaes possamos alcançar uma vida mais larga, atravez do amor fraternal, e attingir os nobres destinos de nossa patria, não somente para nosso proprio bem estar mas para que todo o povo Americano e a Humanidade possam achar-se exalçados vendo-nos cumprir o nosso dever de homens. Que estas cousas, e os meios pelos quaes ellas podem ser alcançadas constituam o objecto de nossos pensamentos no Dia do Indio Americano! —

« Ainda por mofina, não tem faltado escriptores brasileiros que em vez de reerguerem pela verdade historica o indigena, hão preferido acceitar e affirmar todas as apreciações falsas dos europeus que os vieram explorar! »

Noutra passagem da mesma obra, volta o autor ao assumpto, nos seguintes termos:

« Foram com effeito só indios os edificadores das igrejas, dos conventos, dos hospitaes, dos palacios, das fortalezas e dos armazens reaes. Os governadores e os capitães-móres não conheceram outros operarios nas obras publicas. Mesmo os particulares obtinham para o seu serviço domestico indios *livres*. Innumeras cartas regias dão testemunho desses factos ».

Azeredo Coutinho, nas Obras do bispo d'Elvas, diz: « A conquista do Espirito Santo foi devida a Tebiriçá; a da Bahia, a Tabira; a de Pernambuco, a Itagiba e Piragibe, que foi premiado com habito de Christo e tença; a do Maranhão, a Tomagica ».

E Gonçalves Dias, accrescenta:

« Elles foram o instrumento de quanto aqui se praticou de util e grandioso; são o principio de todas nossas cousas; são os que deram a base para o nosso caracter nacional, ainda mal desenvolvido, e será coroado das nossas prosperidades o dia de sua inteira reabilitação ».

Estas palavras do nosso grande poeta lembram-nos uma passagem de Francis Leupp, em que tambem se faz menção do concurso do indio para a formação do caracter do norte-americano. « Nossos aborigenes, disse elle, trouxeram como sua contribuição para o patrimonio commum do caracter Americano uma grande parte, que é admiravel e que só precisa ser acertadamente desenvolvida ».

Esse é o depoimento da historia verdadeira, a qual poderia aqui fallar por centenas e centenas de paginas, si quizesse minudear o concurso do indio na formação da Patria Brasileira, na dilatação e conquista do seu territorio



Representantes de trez tribus do alto sertão de Matto Grosso,
alunos de um collegio do Rio de Janeiro

para além da linha de Tordesilhas, até ao sopé da Cordilheira dos Andes; na opugnação á conquista holandesa e até contra a invasão paraguaya, durante a qual a defesa nacional vio desenrolar-se um dos seus mais épicos episodios na resistencia opposta pelos Terenas na passagem do Aquidauana.

O concurso do indio ha de ser procurado, não no desenvolvimento das nossas cidades modernas, nas calçadas de suas avenidas gloriosas, no brilho das nossas obras literarias e scientificas; mas sim no interior do paiz, no desbravamento dos sertões e na sua preparação para receber o homem civilisado, o europeu òu o seu descendente.

« Os Tapuyas, escreveu E. Réclus, na obra já citada, eram, antes da introducção do vapor no Amazonas, os intermediarios de todo o commercio, os guias de todos os viajantes ». E quantos rios não ha ainda no nosso paiz, nos quaes os transportes e as viagens só se fazem á custa do esforço, do trabalho e da habilidade dos indios? Quem poderá desconhecer o valor que representa para a civilisação dessas regiões a manutenção de tal serviço?

Quando o General Rondon, ainda no posto de capitão, teve de enfrentar as difficuldades da travessia do pantanal, de São Lourenço a Taquary, na construcção da linha telegraphica entre Cuyabá e Corumbá, venceu-as graças ao concurso voluntario e decisivo dos indios Bororos, que lhe forneciam turmas de trabalhadores para abertura de picadas, levantamento e fixação dos postes, esticamento do fio, transportes, caçadas para abastecer de carne os acampamentos, e numerosos outros serviços proprios a tão grande commettimento. Antes disso, outros profissionaes, de reconhecida e incontestavel competencia, haviam julgado impraticavel aquella obra, dada a natureza do sólo, os famosos alagados do Paraguay. Não é legitimo admittir-se, com o General Rondon, que o concurso do indio foi o factor que faltou áquelles profissionaes, e que a sua introducção representa por muito a móla do successo depois verificado,

Ministerio da Agricultura, Industria e Commercio



ESCOLA DE APRENDIZES ARTIFICES DO ESTADO DO PARANA

Certifico que dos assentamentos do alumno

ANTONIO VICENTE GUARANY

consta ter o mesmo concluido seu curso como aprendiz do officio de Selleiro-Tapeceiro, em 29 de Novembro do anno de 1921, obtendo as seguintes approvações:

	Desenho	Instrucção Primaria
1.º Anno gráo 7,5	gráo 3	gráo 4
2.º „ — „ 9	„ 6	„ 4
3.º „ — „ 10	Não fez exames	
4.º „ — „ 9,7	„ „ „	

Dado e passado nesta Directoria da Escola de Aprendizes Artifices em Curitiba, 12 de Junho de 1921.

Manteve durante seus annos de estudo exemplar comportamento.

O Director

Paulo Helder P. ...



Indio—Antonio Vicente Guarany

ou antes, que representa tudo quanto podia concorrer para esse successo além das qualidades individuaes do chefe?

Annos depois, vamos encontrar esse mesmo grande brasileiro a affrontar as asperesas, os perigos e os riscos do descobrimento do Juruema e da travessia do sertão, nessa epoca ainda desconhecido, que se alonga desde a crista da serra dos Parecis até as margens do Madeira. Para tão ardua empresa, conta elle com o auxilio dos Parecis, que lhe fornecem, no velho Uassá-Curiri-Gassú, o guia que o leva ao Juruena, e depois concorrem para salvar a expedição abastecendo-a de alimentos quando ella voltava exausta de cansaço e de privações.

No anno seguinte, torna o moderno desbravador de sertões a enfrentar o desconhecido; transpõe o Juruena e descobre a Serra do Norte, palmilhando para isso a terra coberta de aldeias dos aguerridos e hostis Nhambiquaras. Um outro pareci, Toloiry, é o guia ou explorador de vanguarda. Todas as manhãs parte sósinho; embrenha-se pelos trilhos ou caminhos de indios, na direcção do poente. Á tarde volta, trazendo claras e detalhadissimas informações sobre os accidentes, os obstaculos e os meios de contornal-os, do terreno que tem de ser palmilhado pelos expedicionarios no dia seguinte. Trás, além disso, pesada carga de peças venatorias, que constituem valioso, imprescindivel elemento de subsistencia para Rondon e seus commandados.

Mais um anno, e nova investida contra o sertão: desta vez para atravessal-o definitivamente, até sahir no Madeira. Logo no principio da expedição, morre Toloiry: perda immensa, que Rondon deplora em palavras sentidas, repassadas de saudade e de reconhecimento pelos serviços que lhe prestou o indio. Levanta-se então um terceiro pareci, o jovem chefe Libanio Coloizorecê, que toma o posto em que tanto se distinguiram os seus dois predecessores. Esse termina o reconhecimento do sertão, e vem com Rondon, pelo Amazonas e pelo Oceano, á capital da Republica, que o teria de rever mais de 10 annos depois á testa de um

troço de guerreiros de sua tribo, trazendo-lhe, no audacioso e empolgante Zicunaty, o concurso do Indio aos festejos do Centenario de nossa Independencia. Cumprida a mensagem, a morte colhe-o em meio da enorme caminhada de regresso aos seus campos nativos e ás suas aldeias.

Por todos os sertões em que o indio vive, nós o encontramos como nos casos acima apontados, promptos a secundar-nos com o seu trabalho, com o seu esforço e experiencia, e com os seus meios de acção e de subsistencia, na verdade parques, mas efficientes. Ainda agora, a Commissão Rondon, por um dos seus mais perseverantes auxiliares, o Major Nicoláu B. Horta Barbosa, acaba de esticar o fio telegraphico, na extensão de 360 kilometros, de Campo Grande a Ponta Porã, na fronteira do Paraguay, tendo como trabalhadores indios Terenas e Cayuás. Os mesmos Terenas, e os Cadiuéos, forneceram importantissimos contingentes de trabalhadores para a construcção da estrada de ferro Noroeste, na parte que vae de Tres Lagoas a Porto Esperança. Os Caingangos Paranaenses prestaram analogo concurso para a construcção da estrada estrategica de Porto União á cidade de Palmas, e delles escreveu distincto official, que os teve sob sua direcção nessas obras: «Ao lado de trabalhadores allemães, polacos, italianos, russos, argentinos e paraguayos, foram considerados optimos trabalhadores. Eram os melhores trabalhadores de terra». Sem os Uapichanas e os Macuxis, não ha navegação no Alto Rio Branco e nos seus afluentes, nem rodeio de gado nas fazendas nacionaes e particulares daquellas regiões. São esses indios os campeiros daquelles rebanhos, actualmente avaliados em mais de 200 mil rezes, assim como são os unicos lavradores e fornecedores de productos agricolas á população da chamada guyana brasileira.

A estes exemplos, quantos outros não se poderiam juntar? Mas tambem, quanto não ficaria a relação que assim se fizesse, por mais extensa que fosse, abaixo da realidade? E o que não teria de imperfeito e de superficial a representação que por ella se quizesse esboçar do concurso prestado pelo indio para a formação da Patria Brasileira e para o

progresso da civilização no nosso territorio e na nossa população?

Por fim, lemos no discurso: «Os antropologistas nos mostram que, raças refractarias ao progresso, povos avessos á civilização, no Brazil e em todo o mundo, ao em vez de serem soccorridos pelos poderes publicos, devem ser calculada e friamente deixados aos seus proprios destinos».

Preferimos não desvendar, não comprehender a significação inteira destas palavras, não penetrar os pensamentos tremendos que por acaso estejam nellas envolvidos e pretendam ser subentendidos. Já são tantas e tão inauditas as barbaridades que se teem dito e escripto, as atrocidades que se teem preconizado e praticado contra o desgraçado povo americano, que mais uma não espanta, embora dôa. E era de esperar que viesse em nome do «frio e calculista» scientismo, novo Moloch não menos insaciavel de sangue e de carne humana do que o seu predecessor.

Appella-se para a lição dos antropologistas para aconselhar-se a adopção de uma providencia tão horrivel como essa. Mas afinal, o que são os antropologistas? Não serão homens como os outros, a manejar theorias abstractas, construidas muitas vezes sob a inspiração de interesses subalternos e de preconceitos de raças? Não estarão elles, por isso mesmo, mais expostos do que ninguem a se extraviarem, a errarem e a nos induzirem ao mal em vez de ao bem? Não é contra a seducção do prestigio de forjadores de refalsadas theorias da natureza dessa que nos teem querido precaver os nossos melhores patricios, quando escrevem, como João Mendes de Almeida:

«Acerca dos indios do Brazil e em geral do homem americano, os europeus não se cançam, desde o seculo XVI, de accumular erros sobre erros, fabulas sobre fabulas... O que, porém, mais deve doer ao brasileiro é que, mesmo no Brazil, ha muita gente que não conhece os indigenas



Indios Terenas do Posto de Protecção do Bananal — Matto Grosso.

Da turma de indios que trabalhou na construcção da linha telegraphica de Campo Grande a fronteira do Paraguay.

46c



Indios Terenas do Posto de Protecção do Bananal — Matto Grosso

Construcção da linha telegraphica de Campo Grande á fronteira do Páraguay

brazileiros sinão pelo que francezes, allemães e inglezes escreveram e ainda escrevem ».

O valor de uma sciencia mede-se pelo gráo de exactidão com que as suas theorias abstractas representam a realidade, reflectem os factos do mundo objectivo, facultam-nos previsões relativas a occorrencias que nos possam interessar, e indicam-nos os meios de as modificar para melhor adaptal-as ás nossas conveniencias; e um cientista vale pelo emprego que faz, ou aconselha que se faça das theorias que ensina, no sentido de servir a sociedade em que vive e para tornar mais bella, mais commoda, mais feliz a vida de seus semelhantes. Tornar o homem cada vez mais moralizado, isto é, cada vez mais sociavel, é a missão da verdadeira sciencia e é a funcção dos que a cultivam com dignidade. Ora, a sociabilidade consiste, não em supprimir ou deixar extinguirem-se os fracos, os imbelles, os velhos, os doentes, os aleijados, mas sim em proporcionar a cada um delles os meios de terem garantida a vida, a subsistencia e o bem estar.

A civilisação não é uma entidade extra terrena, á qual se devam immolar victimas humanas; ella não é um fim, mas um meio, um apparelho com o qual creamos, desenvolvemos ou aperfeiçoamos uma ordem artificial que supprima, ou pelo menos attenuue as asperesas da ordem natural. Por ella, torna-se desnecessario, e depois condemnavel, a eliminação dos infirmes, dos incapazes, dos que não pódem trabalhar nem produzir: e isso tanto é verdade em relação aos individuos como em relação aos povos de industria primitiva, de pequena população e baldos de recursos militares.

Si, pois, a antropologia ensina cousas que não se accordam com os dados da observação e da experiencia, ou que, pior do que isso, se opõem a esses dados, então será ella, e não os factos, que se ha de regeitar, por falsa e refalsada fonte de erro. E si ha antropologistas que, falando em nome de sciencia tão imprestavel e pernicioso, não recuam deante do horror de verem applicadas as atrozes conclusões

de suas theorias, mas, indifferentes aos soffrimentos que vão causar, aconselham «calculada e friamente» que sejam postas em execução, então não devem esperar que homens de coração os tomem como guias e mentores.

A nossa patria possui, a respeito dos indios, seus filhos de civilização primitiva, uma experiencia propria, que não póde ser vencida nem se deve deixar vencer e excluir por affirmações de theoristas e de theorias que á nossa estima e ao nosso respeito só apresentam como titulo o nome grego atraz do qual se embiocam. Pois não seria ridiculo que a longa experiencia de um Rondon, de quem Nordenskjöld, citado por Miranda Ribeiro, disse — «elle realisou um trabalho tão importante e grandioso que dentro destes 50 annos vindouros será unico: o meu trabalho, bem como o de Roosevelt, são seus complementares»; que a longa experiencia de um Rondon, forjada ao fogo de mais de trinta annos de convivio com os indios, nos sertões; que a de um Couto de Magalhães; a de um Barbosa Rodrigues; e, mais modernamente, a de um Roquette Pinto e a de um Miranda Ribeiro, para não falar na dos empregados do Serviço de Protecção, que diuturnamente andam, ha mais de dois lustros, lidando com selvicolas de todos os sertões do Brazil e de todos os grãos da respectiva civilização; que toda essa experiencia houvesse de ser regeitada para se pôr em seu logar o que em contrario a ella affirmam antropologistas, só por serem antropologistas?!

«Raças refractarias ao progresso, povos avessos á civilização»! No emtanto, quantos observadores, dos que teem privado com elles, participaram da opinião de João de Lery, que se julgava mais seguro entre elles do que em alguns lugares de França; ou de Ives d'Evreux, que os reputava muito mais faceis de civilisar do que o commum dos camponios francezes.

«Refractarios ao progresso»! No emtanto, um escriptor francez, o Dr. Amedée Moure, em 1862, publicando uma noticia sobre «OS INDIOS DA PROVINCIA DE MATTO

GROSSO», dava o seu depoimento: «Elles parecem correr ao encontro da civilisação, que nenhum esforço faz para os receber... Bastaria dar-lhes um pouco de protecção e soccorros; e ter sobretudo cuidado para que os seus vizinhos, os civilizados, não os explorem, e que os crimes commettidos contra elles sejam reprimidos de modo a imprimir-lhes o sentimento de justiça, de equidade, que deve reger toda organização social sabia e liberalmente instituida».

Accusações como essa, de serem avessos á civilisação, substituem, para identicos fins, as que se articulavam outr'ora por terem prestigio para impressionar os espiritos, e ás quaes se refere o General Couto de Magalhães nestas palavras: «Para se poder matar o indio, como se mata uma fera bravia, para poder tomar-lhe impudentemente as mulheres, roubar-lhes os filhos, criá-los para a escravidão, e não ter para com elles lei alguma de moral e nem lhes reconhecer direitos, era mister acreditar que não tinham idéa de Deus nem sentimentos moraes ou de familia».

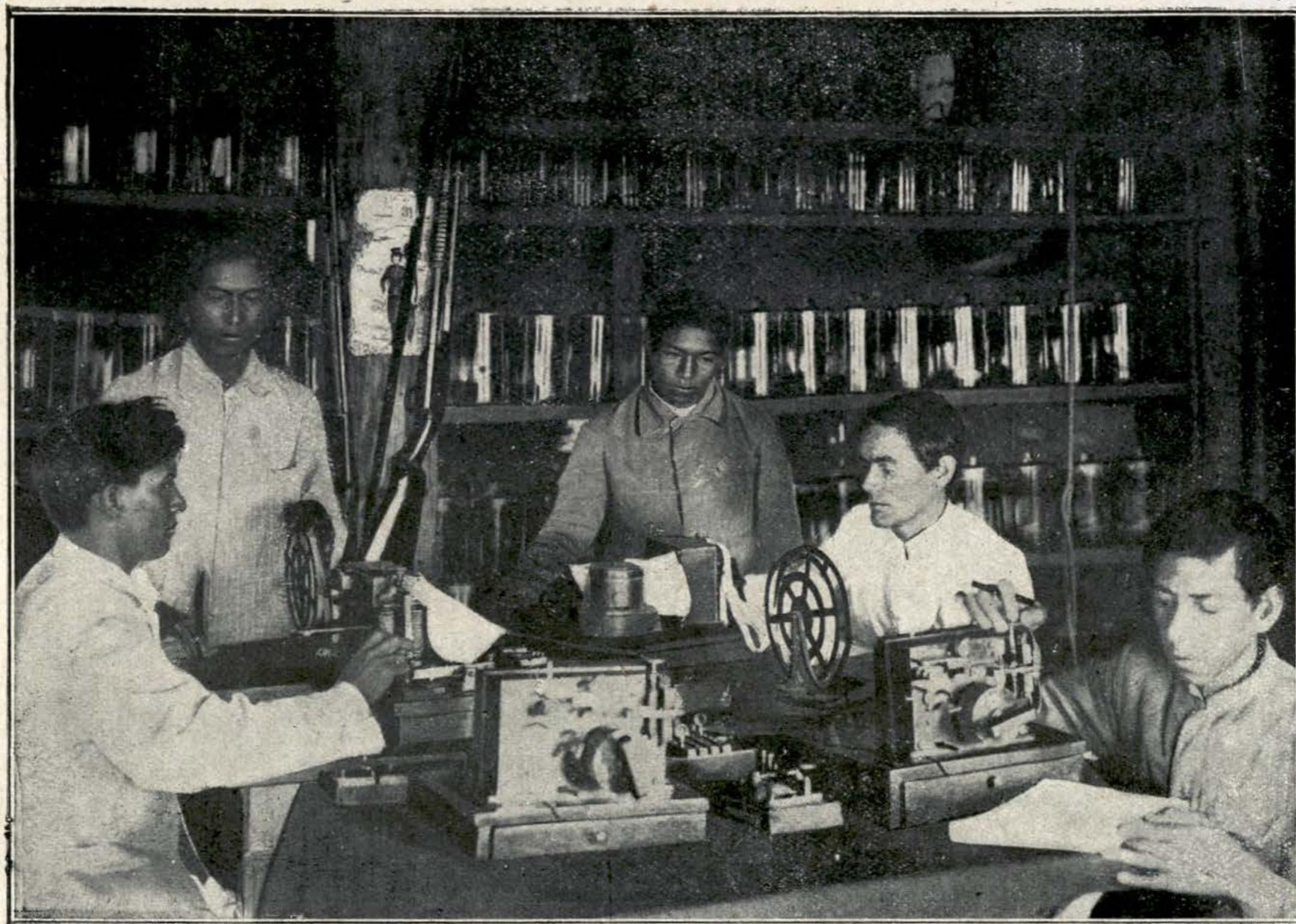
Arouche Rendon, que escreveu sobre elles na época cheia de enthusiasmos e esperanças da Independencia, não os tinha na conta de avessos ao progresso: «muitos servem nos corpos militares, disse elle, muitos querem ser brancos, e alguns já são havidos por taes desde que, por meio do crusamento das raças, teem esquecido a sua origem. Taes são muitas familias novas, de curtas genealogias» (1).

E qual a arte, o officio ou o genero de actividade que ainda se não conseguio que aprendessem e exercessem com proveito? Como trabalhadores de machado não encon-

(1) — Um norte americano, Arthur C. Parker, ainda recentemente escreveu: — Conheço muitas pessoas que não querem ser tidas como indios. Algumas nunca mencionam seus avós e ninguem pensa em perguntar por elles, outros redondamente negam que tenham sangue Indio e affirmam que sua ascendencia é franceza ou hespanhola... Conhecemos sacerdotes, escriptores, advogados, engenheiros, escrivães, funcionarios publicos, jornalistas e outros que teem em grau proeminente o sangue indigena e que no entanto não são contados como indios. — Estes factos nos levam a suppor que o sangue Indio está muito mais diffundido do que se imagina. — *The quartely journal of the Society of American Indians*, vol. III, 1915.

tram quem os eguale entre os machadeiros de todas as origens; como canoeiros, navegadores de rios, são inegualáveis; como campeiros de gado, alcançam e excedem os nossos mais reputados boiadeiros do Norte e do Sul; como lavradores, adaptam-se a todos os generos de cultura: no Sul o trigo, em São Paulo o café, no Norte o Algodão, e por toda a parte o milho, o feijão, o arroz, a mandioca, a canna de assucar, etc. Si lhes fornecemos escolas, como as que o Serviço mantem nas Povoações Indigenas e em certos Postos, com facilidade aprendem a lêr, escrever e contar. As suas mulheres aprendem a coser a mão e a machina, e elles ajeitam-se aos trabalhos dos motores a vapor, das serrarias mechanicas, dos machinismos de beneficiamento de canna, de café, de mandioca, de algodão e de cereaes. Se o ensejo se lhes offerece, heil-os tripulantes, foguistas e pilotos de embarcações a vapor ou a gasolina. Tornam-se ferreiros, carpinteiros, selleiros, alfaiates, emfim officiaes de qualquer profissão elementar que se lhes queira ensinar. Extractores de herva matte, de oleo de copahiba, de poáia, de castanhas, de caucho e de numerosos outros productos florestaes, transformam-se em trabalhadores de construcção e de conservação de estradas de ferro e de rodagem, ou de linhas telegraphicas. Com a mesma facilidade, aprenderam a arte de manipular os aparelhos Morse, para receber e expedir telegrammas. Na grande Linha de Cuyabá a Santo Antonio do Madeira, o General Rondon já formou 10 telegraphistas, tirados do seio da nação Pareci; desses, uns estão empregados como praticantes, outros como profissionaes de classe. A Estrada de Ferro Noroeste, na secção de Matto-Grosso, emprega dois telegraphistas Terenas; um outro é praticante na linha recém-construida de Campo Grande a Ponta Porã. E até como professores, dactilographos e ourives ha exemplos delles se applicarem com successo; a directoria de indios possue bijouterias de prata feitas por indios Terenas, do Posto de Protecção do Bananal.

Emfim, o que falta para provar que os indios formam um povo eminentemente adaptavel a todos os progressos e afeito a adoptar as directrizes da nossa civilisação? E não



Estação da Linha Telegraphica de Matto Grosso ao Amazonas

Um indio pareci telegraphista, e dois praticantes.

se pense que esta conclusão esteja affirmando um facto peculiar, exclusivo aos aborígenes do Brazil: não! o que fica dito applica-se a todos os povos autochtones do continente de Colombo.

Dos da America do Norte, escreveu F. Leupp, na obra citada: « Quanto mais estudamos o Indio, tanto mais nos impressionamos com a forte evidencia de parentesco que ha entre a maior parte de seus traços e os de nossos remotos antepassados. A conclusão é que aquillo que chamamos o problema Indio, é mais um problema humano do que uma questão de raça ».

E noutra passagem, levando mais longe o parallelo: « ... não obstante a analogia que ha entre os costumes de todas as raças no seu estagio primitivo, o Indio possui uma individualidade distincta, e nada patenteia isto de modo mais convincente do que a maneira pela qual elle sobreviveu aos sofrimentos por que teve de passar como victima da conquista.

« Supponha-se que, um seculo atraz, um povo absolutamente extranho á nossa civilisação, aos nossos habitos e á nossa lingua tivesse invadido as nossas costas maritimas e tocado deante de si os colonos brancos para districtos cada vez mais isolados; tivesse destruido as industrias de que subsistiam esses colonos, e coroadado tudo pelo desarmamento e encerramento delles em varios tractos de terra nos quaes elles não se pudessem alimentar, vestir e cuidar á sua propria custa:— Qual a condição a que estariam reduzidos os Norte Americanos brancos de hoje?— Não obstante a vigorosa seiva da sua ascendencia, certamente elles teriam cahido em fraquesa de espirito, de corpo e character, e estariam afogados na miseria. Nenhuma raça da Terra poderia vencer, por forças nascidas do seu proprio seio, o effeito de semelhante tratamento. Que os indios não tenham ficado totalmente arruinados por elle, heis a melhor prova que podemos dar do forte traço do character que lhes é proprio ».

Estas, sim: são palavras de sadia e verdadeira sabedoria, da sabedoria que convem ser cultivada entre nós e

inculcada á gente brasileira, como fonte necessaria e exclusiva daquella politica eminentemente humana que José Bonifacio nos prescrevia e para a qual nos creou um logar no concerto das nações livres: a sã politica, filha da moral e da razão.

Foi nos sentimentos que a inspiram, que o poeta patricio encontrou o conselho com que nos adverte no nosso descabido orgulho de civilisado:

Foram qual hoje o rude americano
O valente romano, o sabio argivo ;

.....
Nós que zombamos deste povo insano,
Si bem cavarmos no solar nativo,
Dos antigos heróes dentro ás imagens
Não acharemos mais que outros selvagens.

E foi tambem por esses sentimentos que um nosso grande coévo fez jus á admiração do mundo civilisado, justa antecipação da gloria e do respeito que hão de cercar o seu nome pelos seculos vindouros a dentro. Taes sentimentos são que desabrocham em obras como essas que dão lugar a se dizer, noutras plagas: «o General Rondon passou a ser conhecido como o Willian Penn do Brazil, pela sua penetração pacifica do sertão desconhecido de Matto-Grosso, no qual ganhou com immenso successo a confiança dos aborigenes pelo tratamento admiravel e pela protecção humana que lhes dispensou».

Taes são as tradicções e as aspirações geraes da elite, não só de nossa patria, mas tambem de todo o mundo civilisado; as falsas opiniões em contrario estão essencialmente condemnadas á morte e ao esquecimento, e muito foi que tivessem apparecido algum dia á luz meridiana da tribuna e da imprensa.





Indios Terenas do Posto de Protecção do Bananal—Matto Grosso

53

ADDITAMENTO



I

Noticia tirada do "Jornal do Commercio"
de 14 de Abril de 1923

II

Em defesa do Indio, pelo Major Alipio Bandeira





**A Comissão de Linhas Telegraphicas Estrategicas de
Matto Grosso ao Amazonas e o Serviço de Protecção
aos Indios na Exposição do Centenario**

**A inauguração dos seus mostruarios, hontem realisada,
com a presença do Sr. Presidente da Republica**

Os discursos dos Srs. General Rondon e Ministro Calmon

Visita á Exposição

As impressões do Sr. Presidente da Republica

No Palacio das Grandes Industrias da Exposição do Centenario, effectuou-se hontem, ás 11 horas da manhã, com a presença do Sr. Presidente da Republica, a inauguração dos mostruarios organizados pelas commissões das Linhas Telegraphicas de Matto Grosso e do Serviço de Protecção aos Indios, chefiados pelo Sr. General Rondon.

Todos os trabalhos expostos patenteiam, conforme accentuou no seu discurso o Sr. Dr. Miguel Calmon, Ministro da Agricultura, o esforço, a dedicação e o patriotismo com que o Sr. General Rondon e os seus incomparaveis companheiros, se têm dedicado a essa grandiosa obra de desbravamento dos nossos sertões, em prol do melhor conhecimento e approximação das vastissimas zonas do nosso grande noroeste e das populações indigenas que habitam aquellas paragens.

O Sr. General Rondon, após os cumprimentos da pragmatica, pedindo venia ao Sr. Presidente da Republica, proferio o seguinte discurso, que resume toda a obra até hoje realizada pelas commissões que têm sido dirigidas por S. Ex.:

«Exmo. Sr. Presidente da Republica. Os mappas, os livros, as photographias e os artefactos indigenas reunidos nestes mostruarios e cuja exposição á curiosidade publica V. Ex. quiz honrar com a sua presença, lembram, resumidamente, 32 annos de continuos trabalhos no interior do paiz, a serviço de uma causa, de um ideal, de um vehemente desejo de contribuir para o engrandecimento da Patria Brasileira.

Esses trabalhos começaram em 1890, quando o actual chefe da Comissão Telegraphica, como ajudante do então Major Antonio Gomes Carneiro, e na qualidade de Tenente do Estado Maior de 1ª classe, vio abrir-se diante de si a ardua carreira de sertanista e de explorador geographico.

Foi a primeira oportunidade que se lhe offereceu para a realização do projecto que formulára quando ainda alumno da Escola Militar, de construir um dia a Carta do seu Estado natal.

Em 13 mezes de trabalhos assíduos e esforçados, o futuro heroe da Lapa tinha concluido a sua obra, em consequencia da qual a linha telegraphica estendia-se de Cuyabá á margem esquerda do Araguaya, através de um sertão nesse tempo só habitado por tribus da Nação dos Borôros.

Eram 580 kilometros de linha assentada e o levantamento de 600 kilometros de estrada que a Commissão chefiada pelo grande soldado republicano apresentava como resultado de sua curta mas brilhante campanha sertanista.

Foi essa a minha escola; foi esse o meu unico Chefe e essa a primeira phase da carreira em que se havia de empenhar toda a actividade de minha vida e o meu inquebrantavel enthusiasmo pelo serviço da Patria e da Republica.

De 1892 a 1898, como Chefe do 16º Districto Telegraphico de Matto Grosso, reconstrui por completo a linha de Cuyabá ao Araguaya e rectifiquei o levantamento da região léste, numa faixa de mais de 60 kilometros de cada lado do fio.

Foram então levantados os dois divisores do rio das Mortes, um principal, com o São Lourenço, e outro secundario, com o das Garças.

O anno de 1899, passei-o no Rio de Janeiro, ao lado de minha familia, como auxiliar tecnico da Intendencia Geral da Guerra, sob a direcção do General Francisco de Paula Argollo.

Aproveitei essa circumstancia para construir o mappa da região comprehendida entre os rios Cuyabá e Araguaya, com os detalhes que acabava de colher pessoalmente durante 7 annos de continuas explorações daquelle trecho do territorio nacional.

Em 1900 voltei ao sertão, como Chefe da Commissão Constructora da Linha Telegraphica do Sul de Matto Grosso, cujos trabalhos se prolongaram até 1908, e attingiram as fronteiras do Paraguay e Bolivia, abrangendo Bella Vista, Porto Murtinho, Coimbra, Corumbá e S. Luiz de Caceres, com o desenvolvimento de 1656 kilometros de linha assentada.

Essa quarta phase de minha actividade, agora na campanha do Sul e parte do Oeste, durou 7 annos e foi mais proficua do que as anteriores, pela multiplicidade dos trabalhos emprehendidos, já propriamente telegraphicos, já especialmente topographicos e já astronomicos.

Em 1907 iniciava-se a quinta phase da minha acção de sertanista, com os trabalhos de construcção da linha telegraphica do Noroeste de Mato Grosso, com ramaes para a antiga Villa Bella, Barra dos Bugres e Guajará-Mirim, na extensão de 2.686 kilometros de linha assentada.

Esta phase estendeu-se até 31 de Dezembro de 1914.

Nesse periodo teve lugar a expedição Roosevelt, que partindo da foz do rio Apa, penetrou no sertão do Norte pelo rio da Duvida, que de então para cá se illustrou com o nome do ardoroso estadista americano, sahio no Amazonas e attingio a cidade de Manãos, com um percurso de mais de 3.000 kilometros, dando lugar a uma preciosa collaboração scientifica em trabalhos diversos.

Foi este o periodo de mais ricas messes dentre todos quantos constituem a vida das Commissões Telegraphicas nos sertões de nossa patria.

Foi então que iniciámos os estudos de Historia Natural, autorizados e animados pela esclarecida e firme iniciativa do Ministro da

565



Indios do Posto de Protecção do Bananal — Matto Grosso

Viação do fecundo periodo governamental do benemerito Presidente Penna, creador da Commissão de Linhas Telegraphicas Estrategicas de Mato Grosso ao Amazonas.

A exploração methodica dos sertões e o estudo da natureza de Mato Grosso foram levados a termo com esplendido resultado pela pleiade de brilhantes officiaes do Exercito e de engenheiros, civis e militares, a serviço da Commissão e por dedicados professores do nosso Museu Nacional e do Serviço Geologico, os quaes prodigalizaram a essa obra todas as energias do seu saber e do seu grande amor patrio.

Como resultado dos trabalhos de penetração no Brasil desconhecido, surgiu a idéa republicana de protecção aos indios, até então abandonados e entregues á sua triste sorte de raça vencida e expoliada.

O modo por que conduzimos as expedições através do Noroeste matogrossense despertou a attenção do Governo e fez brotar o projecto de novo tentamen para o levantamento do indio ao nivel da nossa civilização, da qual elle se conservava arredio e como que repellido desde os tempos da conquista, d'epois de passado o breve fulgor das primeiras tentativas jesuiticas.

Quiz o creador do Ministerio da Agricultura que eu organizasse e dirigisse o novo serviço, como prova do apoio e dos applausos que merecera do Governo da Republica a directriz que seguimos no tratamento das tribus indigenas do vasto sertão que acabavamos de abrir á actividade pacifica e fecunda do homem civilizado.

Tal directriz não se traçara ao accaso de uma imposição de momento; ao contrario disso, foi ella o fructo de um dever maduramente aceito como producto necessario de convicções e de sentimentos que nos conduziram a respeitar as indefesas populações fetichistas nas suas propriedades, nas suas pessoas e nas suas instituições politicas, sociaes e religiosas.

Os meus abnegados companheiros de desbravamento do sertão e de explorações geographicas, aceitaram e sempre praticaram o lemma inflexivel que constituiu a bandeira destas expedições: «Affrontar todos os perigos, até a morte; matar, — nunca!».

E foi assim que transformamos em amigas as nações de genio bellicoso dos Nhambiquaras, dos Barbados, dos Kepi-keri-uats, dos Pauatês, dos Tacuatêps, dos Ipo-uáts, dos Urumis e dos Arikêmes, como em 1893 conseguimos em relação aos Borôros do rio das Garças; e foi assim que implantamos no coração dos Parecis, dos Bacaerys, dos Jarús, dos Urupás, dos Caripunas a inabalavel confiança na lisura das nossas intenções e no desinteresse de nossos projectos. E assim tem o Serviço de Protecção aos Indios, filho dilecto da Commissão de Linhas Telegraphicas, conseguido chamar ao campo de sua acção bem-fazeja innumeradas tribus, umas ainda guerreiras, outras já pacificas. Os nomes de muitas dessas tribus estão aqui representados nestes artefactos e nestas photographias; alguns são nomes que ainda resoam como notas de clarim e clamores de batalhas; os Caingangs, os Botocudos, os Parintintins, lembram fulgores de vastos incendios de duração secular, ainda mal extinctos...

— A 1º de Janeiro de 1915, inaugurou-se a linha tronco de Cuyabá a Porto-Velho, onde a ponta do fio ainda se acha a espera do verbo vivificador que o faça recommençar a sua marcha através do Amazonas, em busca do Acre e de Manáos para completar o programma do eminente estadista mineiro e o projecto patriotico do actual Director dos Telegraphos.

— De 1915 a 1919, ultima phase da grande campanha sertanista inaugurada com o descobrimento do sertão do Juruena, empregamos os nossos esforços no levantamento geographico de pontos e regiões importantes de Mato Grosso.

Estudamos então o valle do Araguaya com travessia para o Xingú; do Tapajós com transposição para o Sucundury e Canuman. Completamos o levantamento dos valles do Madeira e do Paraguay; traçamos o divisor das aguas do Paraná com o Taquary e o Aquidauana.

Levantamos as cabeceiras dos rios Correntes, Itiquira, Garças e S. Lourenço, como complemento de levantamentos anteriores dos cursos desses rios. Igualmente levantamos os cursos do Arinos, do Telles Pires, antigo São Manoel; delineamos os divisores destes rios e do Xingú com o Cuyabá e rio das Mortes. Amarramos o nosso extenso nivelamento barometrico das regiões percorridas ás estacas de nivelamento da Commissão do Planalto Central, partindo de Goyaz, á da Construcção da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil em Porto-Esperança, através do sertão intercalado entre aquella Capital e a de Mato Grosso e pelos rios Cuyabá, S. Lourenço e Paraguay.

Voltamos ao sector comprehendido entre Gy-Paraná, Guaporé e o Madeira para levantar o divisor do Machadinho com o Anary; deste com o Jarú; deste com o Urupá e os seus respectivos cursos; bem assim as cabeceiras dos rios Branco e Preto do Juary; Preto do Gy-Paraná; Juruasinho; Juary, Canaan, Pardo, Quatro Cachoeiras; Urupá, Cautario, Cautarinho, São Miguel e Ricardo Franco, assignalando neste ultimo trecho o divisor do Gy-Paraná com o Guaporé.

Characterisamos então as differentes serras desses divisores e a extremidade norte da cordilheira dos Parecis, determinando por intersecção a ponta oriental da Serra Pacahá-Novo, as quaes definem a grande garganta dos campos dos Urupás, nodulo geographico importante, de onde promanam aguas que vão para o Gy-Paraná, Madeira e Guaporé.

Mais para o sul patenteamos importantes contrafortes daquela cordilheira, aos quaes demos os nomes: Uôpiane, Aleixo Garcia, Pireu de Campos, Paschoal Moreira e Antunes Maciel; regiões habitadas pelos indios Cabixis do norte, Uômos, Aruás, Purús-Borás e Macurapes.

Estes estudos orographicos completaram a descoberta de 1908 e 1909, da origem da Serra do Norte, onde nascem os rios Nhambiquara, 12 de Outubro e Ikê, contribuintes do Camararé, e onde vivem os Nhambiquaras-anuazés.

— De 1920 a 1922, finalmente, rectificamos os levantamentos realizados no divisor do Arinos e Paranatinga com o Cuyabá; exploramos o Coluêne, formador do Xingú.

Estudamos a cabeceira principal do Paraguay e o varadouro que liga a estação telegraphica de Vilhena á fóz do Cabixi, que foi levantado, estabelecendo desde então a navegação deste rio, pelo qual começamos a prover o alto sertão do Noroeste matto-grossense com viveres e mercadorias importados de Manãos pelo Amazonas e Madeira, Estrada de Ferro Madeira-Mamoré e rios Mamoré e Guaporé.

Construimos a linha telegraphica de Aquidauana a Ponta-Porã, por Campo-Grande, Campos da Vaccaria, Brilhante e Caiuás, com o desenvolvimento de 508 kilometros de linha assentada, completando assim o estabelecimento de linhas telegraphicas nas fronteiras de Mato-Grosso.

Para aproveitar o immenso cabedal topographico, astronomico e chorographico, accumulado desde o advento da primeira Commissão Telegraphica, installamos nesta Capital um Escritorio Central com uma

Secção Cartographica e de Desenho, cujos trabalhos se resumem com eloquencia nestes differentes mappas.

Construindo primeiramente as plantas dos Reconhecimentos, Explorações e Levantamentos diversos, formulamos depois o projecto de iniciar a construcção da Carta de Mato-Grosso com os elementos até então adquiridos e pacientemente colleccionados, na escala de 1:100.000 em projecção polyconica da Carta no Mundo e que está sendo impressa no Serviço Geographico do Exercito francez, inestimavel collaboração de boa camaradagem do exercito da grande nação occidental.

Para divulgação reduzimos essa Carta á escala de 1:300.000, em impressão na lythographia Ypiranga de São Paulo.

Além dessas construimos mais a Carta Synthetica na escala de 1:5.000.000, impressa no Gabinete Photographico do Estado-Maior do Exercito; carta essa que servio para indicação dos trabalhos sertanejos e descobertas realizadas pela Commissão e que foi aproveitada na construcção do Mappa do Brasil, mandado publicar pelo Governo Federal em commemoração do Centenario.

Com o mesmo intuito desenhamos cartas para illustrar os trabalhos de Botanica, de Zoologia, de Geologia e de Ethnographia, dos quaes possuímos preciosas memorias escriptas pelos distinctos profissionaes e cientistas que se encarregaram de tão valiosas pesquisas.

Está tambem em construcção a Carta de Navegação do Brasil.

Para completar os nossos estudos cartographicos de Mato-Grosso, pesquisamos dentro e fóra do paiz, tudo quanto as instituições scientificas e bibliothecas possuíam da cartographia daquelle Estado, dos tempos coloniaes.

Um dos resultados praticos desse immenso labor foi a revelação das minas de sulfureto de ferro nas cabeceiras do S. Lourenço; o descobrimento das de ouro e diamante nas cabeceiras do Cabixi e Corumbiara; de manganez nas origens do rio Manoel Correia, Serra Pires de Campos e valle do rio Sacre; de gypsito nas cabeceiras do Cautario; de mica no corrego do Campo, contribuinte do Pimenta Bueno; de ferro no valle do baixo Garças; assim como o assignalamento da existencia abundante da ipéca cinzenta no valle do Pimenta Bueno e margens do Gy-Paraná até Urupá, nos valles do Jarú e Jamary, do Urupá, do Cautario e do S. Miguel, muito ao norte da região onde essa rubiacea foi primeiramente conhecida e industrialmente explorada, na celebre matta da poaia do alto Paraguay. Do mesmo modo foram marcadas as regiões em que a Hevea, a Bertholetia e a Castellôa vivem em grandes associações no territorio ao norte do parallelo de Diamantino, e entre os rios Araguaya e Guaporé.

Tão grande somma de trabalhos não podia, infelizmente, ser levada a termo sem que pelo caminho ficassem cahidos muitos dos esforçados pelejadores.

A estrada a percorrer era longa e de arduo accesso; forçoso era que muitos tombassem para accender ao longo della o facho do martyrio, a cujo clarão a posteridade ha de revêr a sombra dos sacrificios a que voluntariamente se votaram os novos exploradores dos invios sertões.

E' na invocação dessas memorias immortaes que revemos a cada hora o travo das privações passadas, o peso das grandes fadigas, a agonia

das saudades infinitas e tambem os instantes gloriosos dos triumphos conquistados.

Ellas tinham, pois, de comparecer aqui, onde neste momento a Nação, pelos olhos do seu Chefe e natural representante, vê e aprecia a natureza e o valor da obra realizada.

Em primeiro lugar, vêde a imagem do immortal Gomes Carneiro; ella evoca a lembrança, não só dos iniciadores das construcções telegraphicas pelo interior de Mato-Grosso e de nossa Patria, como tambem a memoria dos grandes obreiros da civilização dos nossos antigos sertões, desde os Capanema, os Pimenta Bueno, os Taunay, os Couto de Magalhães, os Leverger e tantos outros, até os Ricardo Franco de Almeida Serra, o typo mais acabado do sertanista generoso e desinteressado, do explorador intelligente, esclarecido e infatigavel dos tempos coloniaes.

Eis agora, o saudoso republico mineiro, o clarividente Affonso Penna, em torno de cuja effigie grupam-se as memorias de todos os homens de Estado que, furtando-se á fascinação das grandes cidades do nosso litoral, dedicaram um pensamento e uma parte do seu esforço em beneficio do nosso hinterland e dos nossos sertanejos.

Por fim, levanta-se a figura que representa a pleiade brilhante dos que tombaram dentre as fileiras dos lutadores desta extensa campanha de 32 annos, que tem por theatro toda a vasta região do nosso territorio donde promanam as aguas das nossas duas grandes bacias fluviaes do Sul e do Norte.

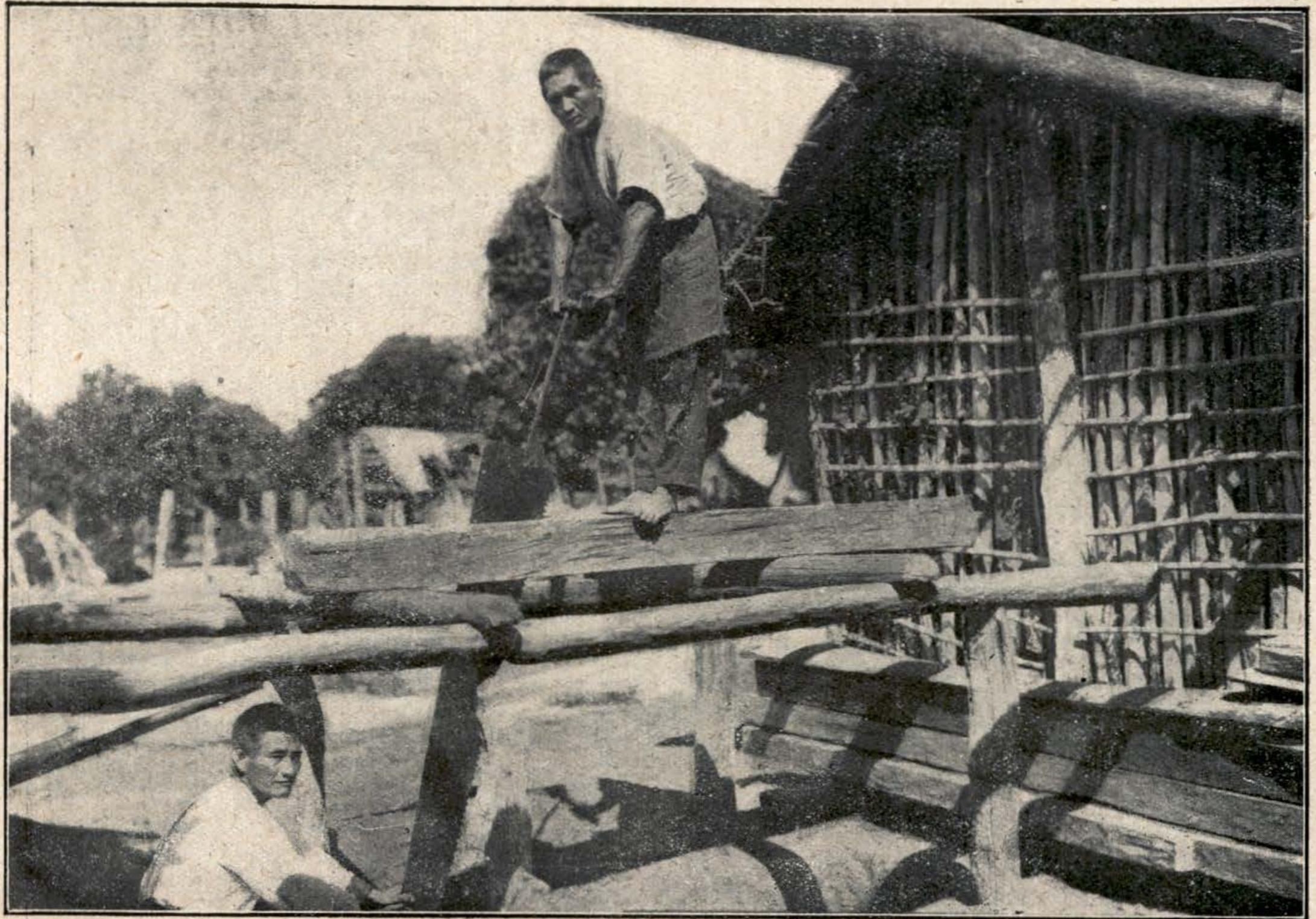
E' o Capitão Candido Cardoso, modesto e pertinaz collaborador desta obra ingente, á qual começou a servir quando ainda simples sargento, desde 1890, e na qual foi conquistando vagarosamente os seus gloriosos galões até cahir morto, em 1913, em pleno sertão, em meio de fervida peleja.

Pela sua humilde origem, pela sua inquebrantavel constancia, pelo posto a que se elevou no sertão, elle conquistou o privilegio inestimavel de representar com toda a propriedade o conjunto dos mortos das Commissões Telegraphicas de Mato Grosso. Vendo-o, nós lembramos os que foram, como elle, os humildes obreiros, sem cujo braço e sem cujo devotamento não nos teria sido possivel lançar nem a primeira pedra deste edificio; a turba activa, operosa, indispensavel e anonyma das praças de pret, dos trabalhadores nacionaes e dos empregados dos telegraphos, á qual nos reconhecemos devedores de profunda gratidão.

Mas, tambem, como official, elle nos lembra esse punhado de nomes brilhantes, de cooperadores intelligentes, esclarecidos, dedicados, que tão alto elevam o merecimento da obra a cujo serviço se sacrificaram, desde essa grande esperanza que foi o Alferes-alumno Francisco Bueno Horta Barbosa até Marques de Souza, Botelho, o ardoroso Lyra, o geologo Cicero de Campos, o inspector dos telegraphos Salathiel Candido de Moraes Castro, o canoeiro Simplicio, e o incomparavel cacique Tolôiri (1).

Associamos a esses vultos nacionaes, como homenagem á solidariedade humana, a figura energica do grande amigo do Brasil, o ex-Presidente americano Coronel Theodoro Roosevelt, em torno do qual se grupam os collaboradores estrangeiros da obra realizada no terri-

(1) — Sem esquecer outros valorosos collaboradores que tombaram em postos que exigiam não menores sacrificios a bem da Patria, como essa grande individualidade que foi o major Pedro Ribeiro Dantas, devotado levantador do Araguaya e explorador do rio das Mortes, cuja carreira de serviços ao Brasil terminou em virtude dos padecimentos a que se expoz na Comissão de Limites com o Perú.



Indios Terenas do Posto de Protecção do Bananal — Matto Grosso

torio nacional: a exploração do sólo em beneficio da sciencia e da civilização levada a effeito pelos Saint-Hilaire, Castelneau, Chandlers, von den Steinen e por tantos outros illustres geographos e naturalistas que perlustraram os sertões do Brasil e especialmente os de Mato Grosso.

Foram esses os obreiros, Exmo. Sr. Presidente da Republica!
E' esta a obra!

Nós almejamos, como recompensa maxima de nossa vida, que a Nação nos reconheça dignos de uns e de outra, depois de haver reconhecido uns e outra dignos de figurarem como simples ornamento da grande construcção para a qual, ha cem annos, José Bonifacio e os seus collaboradores edificaram a liberdade politica da nossa Patria.

A vós, Exmo. Sr. Presidente, dizer, pela Nação, se nos cabe esperar tal recompensa».

As ultimas palavras do Sr. General Rondon foram cobertas por prolongada salva de palmas.

O Sr. Dr. Miguel Calmon, Ministro da Agricultura, em resposta, disse que todas as coisas que estavam patentes na exposição que se ia inaugurar, bem como a synthese admiravel que o Sr. General Rondon acabava de fazer dos trabalhos da commissão de que era chefe não constituíam motivo de admiração para as pessoas que, como elle, orador, bem conheciam o esforço, a dedicacão e o patriotismo com que o General Rondon e os seus incomparaveis companheiros se têm dedicado a esta grandiosa obra de desbravamento dos nossos sertões. E' preciso assignalar a importancia capital que têm esses trabalhos, que revelam a grande capacidade dos brasileiros para a tomada da posse effectiva do extenso territorio de sua patria.

As entradas dos bandeirantes, as conquistas de territorios por elles realizadas, ficaram sem seguimento, por parte dos brasileiros, durante todo o seculo passado. Surgiram então os estrangeiros, á frente de commissões scientificas, destinadas a descobrimentos geographicos e ethnographicos e, em nome dos seus governos e interesses exploraram o nosso interior. Entre taes commissões se destacam a de Martius, a do Principe Ludendorf e a do Principe Maximiliano da Prussia, da qual fez parte Bismarck — o futuro chanceller do Imperio Allemão.

Cabe a Rondon a gloria de ter retomado esse trabalho de exploração da terra brasileira, em nome dos interesses e dos ideais da nossa nacionalidade. Esse é, por certo, um dos aspectos mais interessantes dessa obra e, por isso mesmo, precisa ser devidamente realçado pela sua significacão patriotica.

O General Rondon, continua o orador, procurou realçar com grande insistencia, o espirito de devotamento com que os seus companheiros acceitaram o programma de sacrificios que lhes foi imposto na phrase, já hoje historica: «Soffrer até á morte; matar, porém, nunca».

O orador, por sua vez, pôde prestar o seu depoimento de que Rondon foi o primeiro a dar o exemplo de submissão pessoal a esse programma de sacrificios e abdicacões.

S. Ex. era Ministro da Viação, por cuja pasta corriam os trabalhos das expedições de penetração de Rondon nos sertões dos Parecis e Nhambiquaras. A fama, não só de guerreiros, mas até de antropophagos de que gosavam os membros desta ultima tribu fazia com que

todos temessem pela sorte dos destemidos expedicionarios. A esposa de Rondon, participando dos mesmos receios e vendo que o seu marido se expunha aos maiores perigos, procurou o Ministro no intuito de lhe pedir uma providencia qualquer que compellesse Rondon a adquirir e a usar uma cota de malha, enquanto se encontrasse entre aquelles indios guerreiros.

Rondon declarou que só aceitaria o alvitre, si o mesmo se pudesse adoptar para todos os seus auxiliares — officiaes e soldados. Para tanto seria necessario fazer uma despeza avultada, superior ás forças do orçamento destinado ao serviço. Portanto, na impossibilidade de comprar cotas de malha para todos, Rondon não aceitou a que lhe era offerecida para o seu uso pessoal, apesar dos insistentes esforços do Ministro. E Rondon continuou a passar nos sertões pelos mesmos trabalhos, privações e perigos que passavam os seus mais modestos auxiliares.

Terminando a sua oração, o Sr. Ministro Calmon felicitou o Sr. General Rondon, em nome do Governo da Republica e da Nação por todos os grandes trabalhos realizados pela benemérita commissão de Linhas Telegraphicas e Serviço de Protecção aos Indios. O discurso do Sr. Ministro da Agricultura foi vivamente applaudido pelo numeroso e selecto auditorio.

Em seguida, o Sr. General Rondon, depois de apresentar ao Sr. Presidente da Republica os seus auxiliares, passou a percorrer com S. Ex. e os Srs. Ministros os mostruarios da commissão, já no que se refere ao Serviço de Protecção aos Indios, já no que se refere aos mappas e outros dados relativos ás Linhas Telegraphicas. De começo o Sr. Presidente teve occasião de vêr a maquette do monumento que se projecta erigir no noroeste de Mato Grosso para nelle serem recolhidos os despojos dos mortos da Missão Rondon, que jazem esparsos pelos sertões e em sepulturas provisórias. Esse sarcophago ⁽¹⁾ será representado por uma pyramida de granito, de solida base, onde serão gravados, com caracteres de bronze os nomes dos 204 mortos que tombaram em pleno sertão. No portico uma estatua de bronze representará um indio, significando a origem e a razão de ser do monumento.

(1) — O artista nacional Snr. Eduardo Sá, autor desse projecto, dá delle a seguinte descripção: — O monumento destinado a encerrar os restos mortaes dos auxiliares da Commissão Rondon se comporá de um socio formado por trez degraos e de uma pyramide de base quadrangular, apresentando um conjuncto simples e severo. — O socio guardará os despojos dos humildes companheiros animaes: cavallos, cães, bois, etc., sacrificados no desbravamento dos sertões; e a pyramide será a urna funeraria, abrigo ultimo dos cooperadores da grande obra de abnegação, desde o mais modesto cidadão até o que mais assignalado se tornou entre os obreiros da nobre causa da incorporação dos indígenas na Patria brasileira. — Tres placas onde figurarão esculpidos os nomes dos mortos no serviço da Commissão cobrem as faces lateraes e posterior da pyramide, em cujo lado dianteiro, alto relevo symbolisar á sacrificio consciente dos que se dedicaram á protecção nacional devida aos indios, seguindo no proceder derradeiro o lemma da Commissão, que se lerá gravado na pedra — «Affrontrar todos os perigos, até a morte: matar, — nunca!» — Encimando as placas, baixos relevos representarão vultos dos precursores da obra civilisadora e também o escudo da Bandeira nacional com a divisa da politica moderna — Ordem e Progresso. — Sobre os degrãos, na frente do monumento, a estatua de um indio caçador, em attitude de attenção sympathica, mostrará aos nossos irmãos das selvas o sentimento de respeito com que devem apreciar o monumento, até que os nossos posterios melhor destino dêem ás reliquias que ao presente cumpre guardar com saudade e como estímulo a outros sacrificios se porventura delles precisar a causa nacional. — O monumento será de granito tendo as placas e a estatua de bronze.

62b



Índios Terenas do Posto de Protecção de Cachoeirinha — Matto Grosso.



Indios Terenas do Posto de Protecção de Cachoeirinha — Matto Grosso

Na secção do Serviço de Protecção aos Indios o Sr. Presidente da Republica teve explicações sobre o uso e procedencia dos muitos e curiosos artefactos indigenas que alli se encontram em grande profusão, desde os adornos de pennas, collares de dentes de animaes e outros productos de sua industria primitiva, até os variados e bem acabados objectos, já fabricados com os recursos da nossa industria occidental, como chapéos, cestas, arreios, sandalias, e outros.

Tudo foi demoradamente examinado pelo Sr. Presidente da Republica.

Pelos documentos expostos sobre uma meza o Sr. Presidente da Republica se inteirou do numero e de outras informações sobre as escolas, officinas, culturas existentes nos varios estabelecimentos montados e dirigidos, no interior do Brasil, pelo Serviço de Protecção aos Indios.

A secção cartographica, a cargo do Sr. Capitão Jaguaribe de Mattos foi tambem cuidadosamente examinada pelo Chefe da Nação, que recebeu informações minuciosas e interessantes dos varios trechos de territorios que os respectivos mappas representam.

Terminada a visita, o Sr. Dr. Arthur Bernardes manifestou a sua impressão. Disse (1) S. Ex. que percorrera com civica emoção toda aquella sala, onde em cada objecto, livro ou mappa, se via um testemunho eloquente, do quanto póde fazer pela Patria e pela Republica um pugillo de patriotas congregados e dirigidos por um chefe, todo dedicação e pertinacia, ao serviço de uma nobre e patriótica missão. Ao terminar o seu exame sentia-se bem em felicitar o soldado-cidadão, General Candido Mariano da Silva Rondon, e seus dignos companheiros pela grandeza da obra realizada, podendo a todos assegurar o seu apoio quer official, quer particular.

Depois, S. Ex. abraçou o Sr. General Rondon, pedindo-lhe que transmitisse a seus subordinados as suas felicitações.

O Sr. Ministro Calmon, despedindo-se do Sr. General Rondon, disse-lhe que se retirava dalli ainda mais brasileiro do que entrara.



(1) O Snr. General Rondon deu do pequeno discurso do Snr. Presidente da Republica o seguinte apanhado: — Não vim aqui, disse o Exmo Snr. Dr. A. Bernardes, trazido por um simples movimento de curiosidade; vim movido pelo sentimento de um dos deveres do meu cargo, o que exige de mim que pessoalmente conheça o valor dos homens publicos de minha Patria e das obras que elles estão realisando a serviço da nação e da republica brasileira. Por tudo que aqui vi fico de agora em diante conhecendo os trabalhos executados no interior do Paiz pelo General Rondon e seus dedicados auxiliares, e é baseado nesse conhecimento que tomo a resolução de hipotecar o meu apoio ao proseguimento e engrandecimento de obra de tão subido valor para o patrimonio pratico e moral da Patria Brasileira.



Em defesa do Indio ⁽¹⁾

Diario do Congresso de 27 de Dezembro de 1922, pagina 8592. — Fala um deputado pelo Districto Federal:

« Porque nos obrigam — diz elle — a votar aquella verba *sumptuaria* que se repete annualmente, destinada ao serviço de protecção aos indios?

Quaes os beneficios que ao paiz tem proporcionado esse dispendioso serviço?

Como obra *sumptuaria* elle ahi está para mostrar que o Brazil á beira da bancarrota ainda tem recursos para *catechisar* indigenas incultos, forcejando debalde por adaptal-os á *civilisação que os repelle*.

Repto a V .Ex. (dirige-se a outro deputado) a mostrar que serviço tenha produzido a commissão de protecção aos indios. Esse serviço conta com verbas *tão faustosas* que chegam a causar-nos irritação nessa época de verdadeira penuria

Não tenhamos, por espirito de *nacionalismo piégas e incomprehensivel* a velleidade de explicar á nação que é preciso proteger o selvagem porque elle é util á nossa cultura e necessario ás *conveniencias nacionaes*.

A historia brasileira não apresenta, desde que resolvemos despir os indios das falsas vestes que os poetas lhes hajam emprestado, *um exemplo sequer* de selvicola que houvesse contribuido para o nosso progresso.

Os anthropologistas nos mostram que povos avessos á civilisação, ao em vez de serem soccorridos pelos poderes publicos, devem ser calculada e friamente deixados aos seus proprios destinos. No entanto, Sr. presidente, quando a juven-

(1) Ao autor deste trabalho, destinado originariamente á imprensa jornalística, agradeço o consentimento que me deu de o inserir nesta publicação. — H. B.

tude doente da metropole brasileira, quando o analphabetismo das cidades sobem de ponto á mingua de dotações orçamentarias, vota-se na Camara um orçamento de mais de mil contos para serviços ficticios...

Parece-me incrível apenas que nenhuma vóz verdadeiramente bem intencionada jámais se fizesse ouvir para mostrar ao paiz que esse serviço de protecção aos indios não passa de escandaloso *bluff*».

Exceptuando-se os griphos, que são meus, e alguns córtes, que fiz por abreviação, sem alterar em nada o pensamento do orador, o mais é textualmente do discurso apontado, o qual não tem a classica nota de não ter sido revisto pelo autor, antes, pelo contrario, tem a de ter sido reproduzido por haver sahido anteriormente com incorrecções.

Não quero — é obvio — com a transcripção acima fazer propaganda das respectivas idéas; quero, em vez disto, mostrar, não por *dilettantismo* ou impertinencia, mas por amor dos nossos indigenas, que taes idéas são erroneas.

Preliminarmente contesto que seja sumptuaria a verba destinada ao serviço de Protecção aos Indios. Essa verba varia de 900 a 1000 contos e já tem sido de 500 e 600. A deste anno é de 1.060:550\$000.

Quem poderá em bôa fé achar sumptuosidade num serviço que gasta apenas 1065 contos para manter quatro povoações indigenas, 31 postos de protecção com as suas obras e aberturas de estradas, e medicamentos, e material de expediente, e todo seu pessoal, necessariamente numeroso?

Que arrojado blasphemador dirá que a nação dá com generosidade, sumptuariamente, dando 1065 contos para proteger uma população de 500 mil almas, que a tanto montam os nossos indios?

Um ligeiro calculo arithmetico logo nos mostra que essa população sai a 2.130 réis *per capita* e por anno; 246 réis menos do que a etapa (só a etapa) de um soldado aqui na margem do Taquary, onde ella não é grande cousa, tanto assim que os homens desarranchados custam a se accommodar com a comida que por esse preço conseguem!

Assim, o pobre indio gasta por anno muito menos do que o soldado por dia, pois o soldado além da etapa, tem a roupa, o calçado e o soldo.

E ainda acham que elle é caro, quando toda a gente diz, e com razão, que o soldado é barato!

Quaes os serviços que ao paiz tem proporcionado esse dispendiosissimo serviço? — interroga o vigilante censor. —

Quaes? Em primeiro logar esse serviço tem evitado a morte por assassinios e miserias a milhares de creaturas tão nascidas para viver como outras quaesquer.

Essa é a sua principal benemerencia .Em segundo logar elle tornou habitaveis grandes e uberrimas zonas agricolas dantes abandonadas aos indios bravos.

Isto se deu em Santa Catharina, no Paraná, em S. Paulo, no Espirito Santo e no Amazonas. Creio que se deu tambem em Mato Grosso e no Maranhão.

Tomando o caso mais vizinho do Rio de Janeiro, o de S. Paulo, posso de momento, e d'aqui õnde me faltam recursos de toda a especie, dar o seguinte attestado de beneficios do Serviço de Protecção aos Indios. É sabido que havia em S. Paulo uma região inteiramente desabitada por motivo da presença dos Caingangs.

Essa valorosissima tribu defendeu e guardou até 1912 uma porção tão grande de territorio do Estado que si eu lhe pozesse aqui o tamanho arriscaria a minha palavra a ser desacreditada não só do orador, como de muitos outros homens.

Isto posto, vou mostrar, conforme certidões passadas pelo Sr .Julio Coelho Vilhena, escrivão de paz interino do Districto de Pennapolis, a differença de preços das terras em questão antes e depois da pacificação dos Caingangs, feita laboriosa e corajosamente pelo serviço com tão descabido ardor impugnado e deprimido.

Bento da Cruz e sua mulher — resa uma certidão — «vendem uma gleba de terra na fazenda Moreiras, medindo vinte e dois alqueires pelo preço certo e ajustado de tresentos

mil réis». Isto foi em 1910, dois annos antes da pacificação dos indios.

O calculo dá para cada alqueire 13.636 réis. Outra certidão do mesmo Julio Coelho Vilhena, relativa a 1914, dois annos depois da pacificação dos indios, resa assim: A The S. Paulo Land & Lumber Company vende uma gleba de terras na fazenda de Baguassú, medindo *cincoenta alqueires*, «pelo preço certo e ajustado de *cinco contos de réis*».

Cada alqueire custou, pois, 100.000 réis, o que dá sobre 13.636 réis uma differença que o proprio arguidor achará bem sensivel. Essas terras são hoje, com effeito, as mais valiosas do Estado.

Um outro cidadão, o Sr. Jesuino Vianna de Camargo, escrivão de cartorio do primeiro officio da mesma comarca de Pennapolis, certificou uma venda feita em 1919 de *cinco alqueires* e bemfeitorias pela importancia de *um conto de réis*. Duzentos mil réis cada alqueire!

Eu poderia transcrever outras certidões de vendas feitas em 1916, 1917, 1918; não vale a pena, porém, diante das tão expressivas que ahi estão.

Passemos, por conseguinte, adiante. — O Brazil — continua o Sr. deputado — á beira da bancarrota ainda tem recursos «para catechisar indigenas que a civilização repelle».

Ha nesse trecho mais de um engano. O serviço de protecção aos Indios — e isto já se tem dito centenas de vezes — não cura absolutamente de catechese e sim de protecção, como o indica o seu proprio nome.

A quem até agora não entendeu a differença profunda que ha entre catechese e simples amparo; entre catechisar selvagens, isto é, procurar convertel-os a algum credo em materia religiosa, politica ou outra de natureza espiritual e proteger selvagens, isto é, defendel-os da oppressão e abrigal-os da miseria; a quem não percebeu ainda essa differença, é inutil apresentar mais explicações.

Quanto a dizer que a civilização repelle os indigenas, é outro engano. — Quem os repelle são os homens sem coração, e nem todos.



Indios Terenas do Posto de Protecção do Bananal — Matto Grosso

A civilização apenas habitua-se com o desprezo e o sacrificio dos indios como se habituou outr'ora com a escravidão dos africanos. Quando, porém, percebe o mal que está fazendo, joga-o de si.

Estou seguindo os passos do orador.

Chegado a este ponto repta elle a um seu collega para que lhe diga quaes os serviços que tenha produzido a «comissão de protecção aos indios», que «conta com verbas tão faustosas».

O interpelado confessa que não está em condições de responder. Mas que culpa tem o Serviço de Indios de não quererem as pessoas, com um simples passeio ao Ministerio da Agricultura, receber informações relativamente ao mesmo serviço?

As cousas boas que tem feito essa instituição patriótica são numerosas. Para não alongar este artigo cito apenas algumas, além das já mencionadas: Implantou a paz entre os colonos allemães de Blumenau e os Caingangos catharinenses; abriu diversos rios ao trafico e exploração dantes vedados. Fez do Araribá, em S. Paulo, e de S. Jeronymo, em Paraná, duas povoações indigenas tão prosperas e tão bem administradas que já lhe querem tomar e acabarão tomando S. Jeronymo, e organizou em S. Lourenço (Mato Grosso) e no Erechim (R. G. do Sul) duas outras, que em breve serão objectos das mesmas cobiças. Certa vez libertou em plena mata amazonica cinco moças que os Cunibas, por vingança, haviam raptado e que, apesar de serem os indios tão mal falados, nenhum vexame ou violencia delles soffreram. Levantou da progressiva decadencia em que jaziam as fazendas nacionaes do Rio Branco, hoje reputadas as melhores e mais bem cuidadas d'aquella região por pessôas extranhas e insuspeitas como sejam o Dr. Luciano Pereira da Silva, ex-deputado pelo Amazonas, o Dr. Calvet e o Sr. Joaquim Gondin, cujas opiniões estão impressas em livros e documentos publicos.

Si eu aqui de tão longe, e apenas de memoria, posso dar tão boas informações, imagine-se o que poderia fornecer a Directoria do serviço!

Diz o Sr. deputado que a historia brasileira não apresenta «um exemplo sequer de selvicola que houvesse contribuido para o nosso progresso».

Mas será possível que o orador ignore os serviços prestados á Patria, e portanto ao nosso progresso, por Felipe Camarão, por Jaguarary, por Tebiriçá, por Ajuricaba, por Ararigboia, Tabira, Piragibe, Itagiba, Caiuby e tantos outros?

O Bispo d'Elvas, pessoa summamente entendida em historia e muito dada a assumptos politicos e financeiros, escreveu no seu Ensaio Economico (Tomo I das Obras) que a conquista do Espirito Santo foi devida a Tibiriçá, a da Bahia a Tabira, a de Pernambuco a Itagibe e Piragibe, a do Maranhão a Tomagica. Simão de Vasconcellos, diz, com outras palavras, mais ou menos as mesmas cousas.

Dentre nós quem se poderá blasonar de benemerencia que se compare á de qualquer desses pobres selvicolas tão injustamente esquecidos?

Eu estou bem certo que ninguem. Mas ainda que essa infeliz raça nada houvesse feito seria motivo para abandonal-a aos seus assassinos e á penuria em que na sua maior parte vive por culpa do civilizado, que lhe faz concurrencia na caça e na pesca?

É o que desejaria o orador quando affirma que é «nacionalismo piégas e incomprehensivel» proteger o selvagem com a allegação de ser elle «util á nossa cultura», e «necessario ás conveniencias nacionaes».

Para apoiar a sua decidida opinião accrescenta que «os antropologistas nos mostram que povos avessos á civilisação, em vez de serem soccorridos pelos poderes publicos, devem ser calculada e friamente entregues aos seus proprios destinos».

Vão vêr que quem assim fala, é dos taes que se compadecem dos cães que soffrem e os levam para caza louvavelmente penalizados.

Mas si os cães merecem tal piedade porque não a merecerão homens, só por serem de civilisação differente ou inferior?

Por mim não faço verdadeiramente grande cabedal do que dizem os antropologistas, mas dado que fizesse, quando algum delles me deparasse uma tal lição eu o mandaria, sem duvida alguma, cuidar de outra vida.

F ficaria pensando que quando os homens dizem cousas como estas, dizem-nas da boca para fóra, no intuito, aliás vão, de parecerem energicos, originaes ou cousa semelhante. Estão, como se dizia na giria escolar do meu tempo, estão « fingindo pedra ».

O ardego censor fez, segundo affirma, toda a sua critica tomando a « esmo » uma das nossas instituições sumptuarias e inuteis.

Eu só o acreditarei quando o vir dar para traz nas subvenções para catechisadores que escravizam e difamam os nossos indios; ou então quando lêr o seu voto contra os presentes regios com que o Congresso, dando o que não lhe pertence, augmenta os haveres de quem não precisa dessas achegas para viver faustosa e sumptuariamente.

Como era de esperar, terminou o orador tocando a tecla do analphabetismo. Antes, na sua opinião, esses mil contos do Serviço de Protecção aos Índios fossem gastos em combater o analphabetismo.

É mais um engano seu.

Nem sempre é um bem ensinar a lêr. Si Napoleão Bonaparte não soubesse lêr, não teria passado de cabo de esquadra e com isto immensas desgraças ter-se-iam poupado á Humanidade, além de que a situação actual do mundo seria certamente melhor.

Si não tivessem ensinado a lêr a muitos de nós, póde-se affirmar que a sorte da Republica do Brazil teria sido bem mais fagueira.

Enfim, si esse, com certeza estimável cidadão não tivesse aprendido a lêr provavelmente não teria ensejo de dizer tantas blasphemias contra os nossos infelizes indios, já tão sobrecarregados de alheias injustiças.

Margem do Taquary, 2 Fev. 1923.

Alipio Bandeira.

72

